

A Crise Mundial e a Economia Portuguesa

Augusto Mateus

Instituto Superior de Economia e Gestão

Augusto Mateus & Associados

INSTITUTO ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

23 de Fevereiro de 2010



A CRISE ECONÓMICA MUNDIAL

“Nova”, “Desigual”,
“Diferente”

A CRISE ECONÓMICA ACTUAL COMO CRISE GLOBAL

A crise que estamos a viver, apresenta-se como a uma **crise global** não só na sua dimensão territorial, isto é, envolvendo toda a economia mundial, como na sua própria dimensão económica, isto é, envolvendo a esfera financeira e a esfera real, exprimindo problemas conjunturais e estruturais e exigindo mudanças e correcções muito para além da simples “afinação” da regulação nacional e mundial.

A CRISE ECONÓMICA ACTUAL COMO COMBINAÇÃO SEQUENCIAL DE DOIS CHOQUES

A viragem qualitativa na conjuntura económica mundial foi marcada pela progressiva interpenetração de **dois “choques” complexos**, diferenciados na sua origem e na sua natureza, mas convergentes na sua interacção para gerar um novo quadro de forte incerteza e volatilidade global, nas esferas financeira e real

UM CHOQUE REAL DE PROCURA

O **primeiro choque**, em manifestação larvar desde 2004, breve travagem em 2006 e retoma mais forte ao longo de 2007, assumiu a forma de uma subida significativa dos preços nos mercados internacionais de matérias-primas de relevância transversal alargada no funcionamento das economias (petróleo, alimentos, metais), configurando-se como um choque real de procura.

Os preços das matérias-primas alimentares aumentaram, em termos de variação anual homóloga, cerca de 40%, no segundo semestre de 2007, e mais de 50%, no primeiro semestre de 2008.

UM CHOQUE REAL DE PROCURA

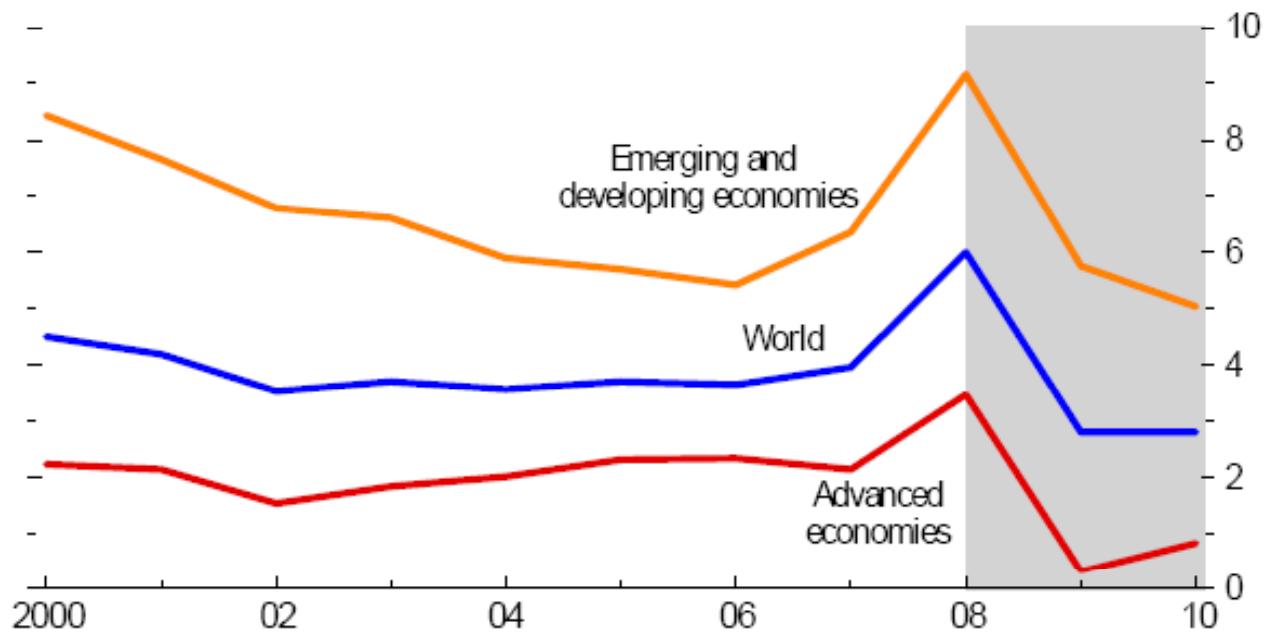
A subida dos preços do petróleo em dólares conheceu, pelo seu lado, no primeiro semestre de 2008 uma significativa aceleração, alcançando o maior aumento dos últimos anos, superando os 40%, isto é, o próprio aumento acumulado em 2006 e 2007.

Esta evolução também vai revelando as consequências do rápido crescimento das grandes economias emergentes, nomeadamente no que respeita à respectiva pressão sobre os recursos não renováveis, escassos ou sujeitos a utilizações conflituais.

O PERFIL DA CRISE

ACELERAÇÃO DA INFLAÇÃO, DEFLAÇÃO LATENTE E ...?

(variação anual do IPC)

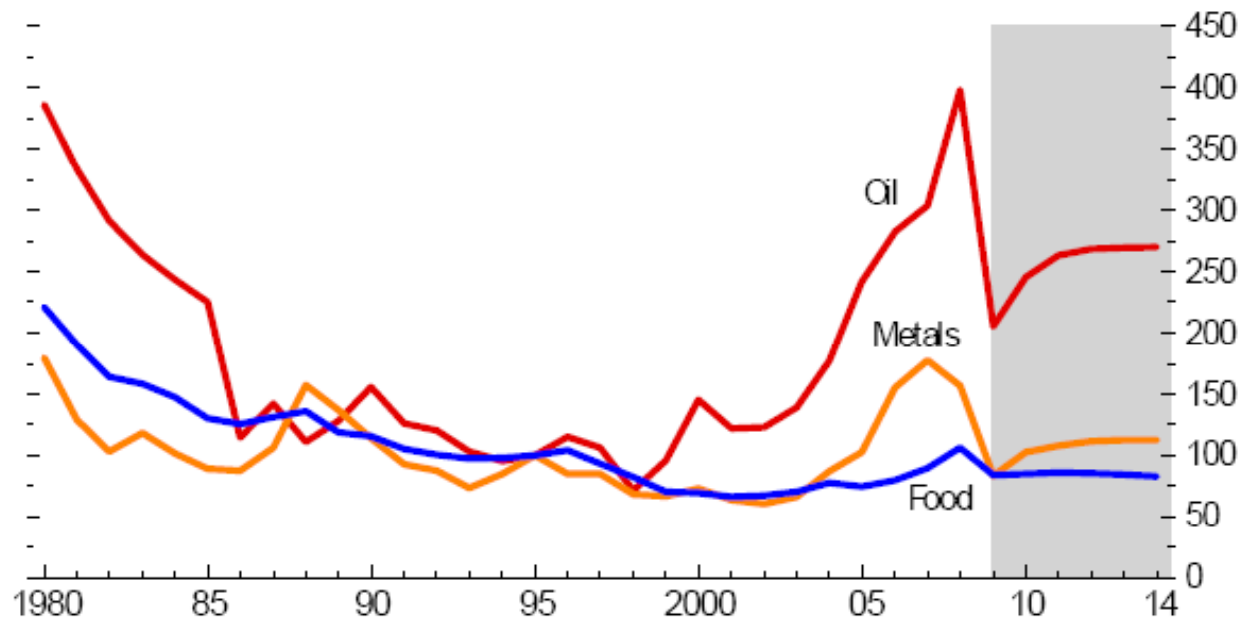


Source: IMF staff estimates.

O PERFIL DA CRISE

... NA HIPÓTESE DE UM CICLO DE MÉDIO PRAZO (5-6 ANOS)
DE INTERRUÇÃO DA SUBIDA DOS PREÇOS DO PETRÓLEO
E DAS MATÉRIAS -PRIMAS CHAVE

(preços reais das principais mercadorias)



Source: IMF staff estimates.

UM CHOQUE FINANCEIRO GLOBAL

O **segundo choque** desencadeado sob a forma de uma crise do crédito hipotecário residencial de risco elevado nos EUA, configurou-se como um choque financeiro global que se originou numa turbulência generalizada nos mercados financeiros, sob o impulso de uma profunda reavaliação das condições de risco num quadro mais geral de quebra de confiança dos investidores, gerada por uma combinação original da redução rápida da liquidez com o endurecimento das condições de acesso à dívida, em especial nas economias mais avançadas, para se converter numa das mais graves crises financeiras de sempre.

UMA CRISE ECONÓMICA GLOBAL ...

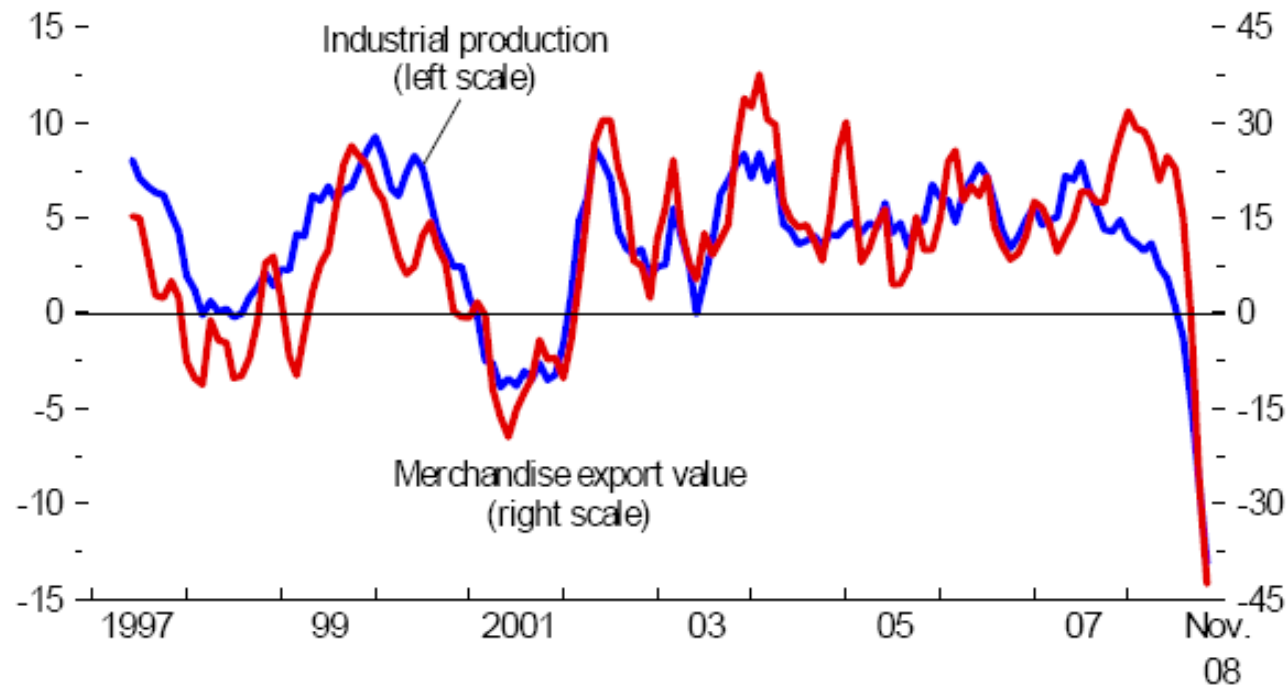
As perturbações despoletadas no sector financeiro e no núcleo duro do mundo mais industrializado e desenvolvido (Estados Unidos da América, Japão e União Europeia) generalizam-se rápida e progressivamente a todas as actividades económicas e a todas as economias, numa conjuntura dominada por uma turbulência sem precedentes na experiência da segunda metade do século XX, consumando uma **profunda crise económica e financeira de natureza global, aberta e em marcha**, terminando a somar, às dificuldades dos mercados financeiros, uma recessão das grandes economias em progressivo aprofundamento..

... POTENCIADA PELO COMÉRCIO MUNDIAL

A **forte queda do comércio mundial**, na viragem para 2008, prolongada no início de 2009, que arrastou a própria economia mundial, no seu conjunto, para um quadro recessivo, enterrando a hipótese/ilusão do “decoupling” (manutenção das economias emergentes à margem do essencial da crise), veio reforçar drasticamente a pressão nos mercados de trabalho fazendo aumentar rapidamente os níveis de desemprego.

O PERFIL DA CRISE

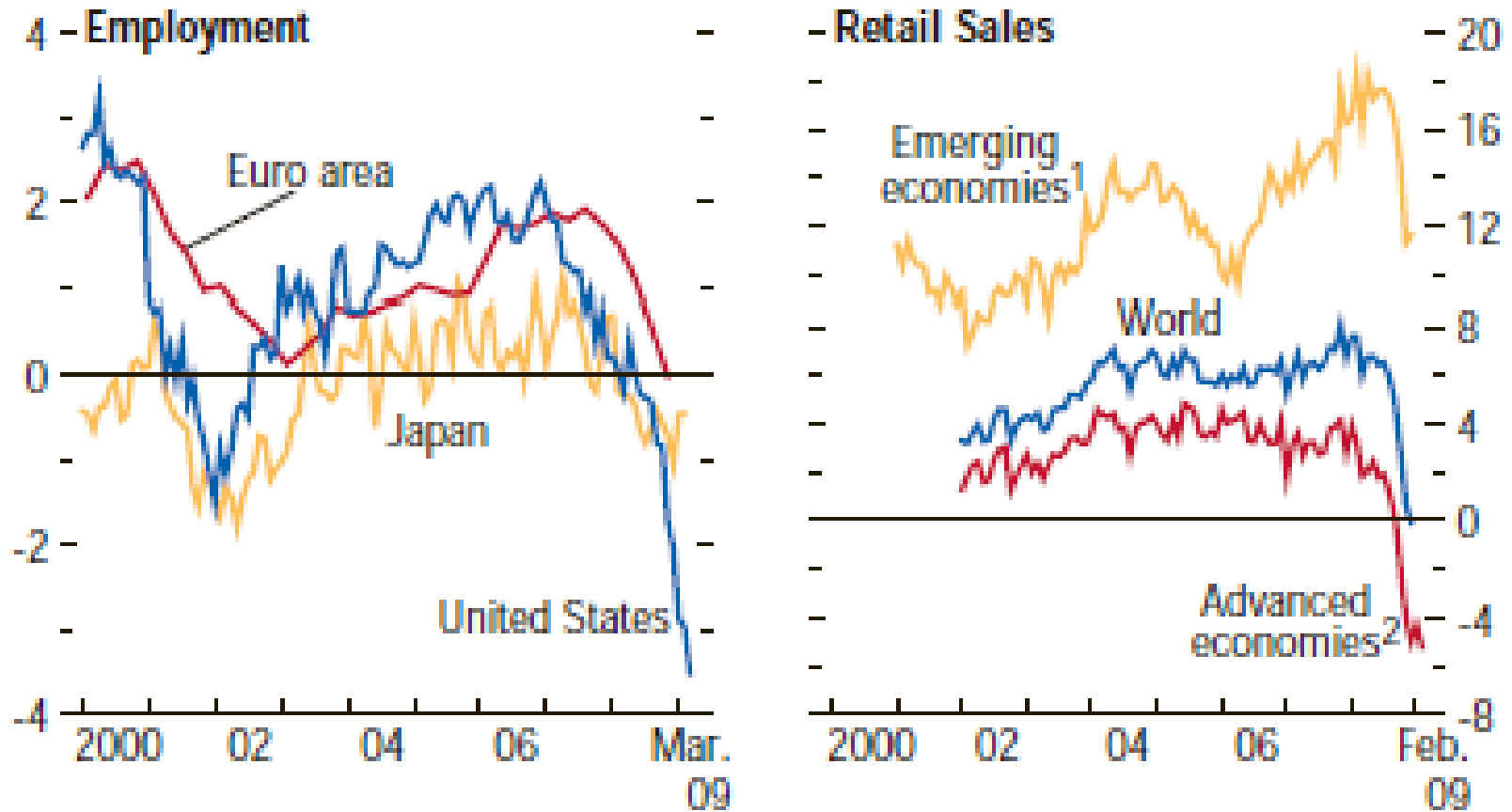
... DA ESTAGNAÇÃO À RECESSÃO... COM UMA INTENSIDADE ACIMA DO ESPERADO AMPLIFICADA PELO COMÉRCIO INTERNACIONAL



Sources: Haver Analytics; and IMF staff estimates.

O PERFIL DA CRISE

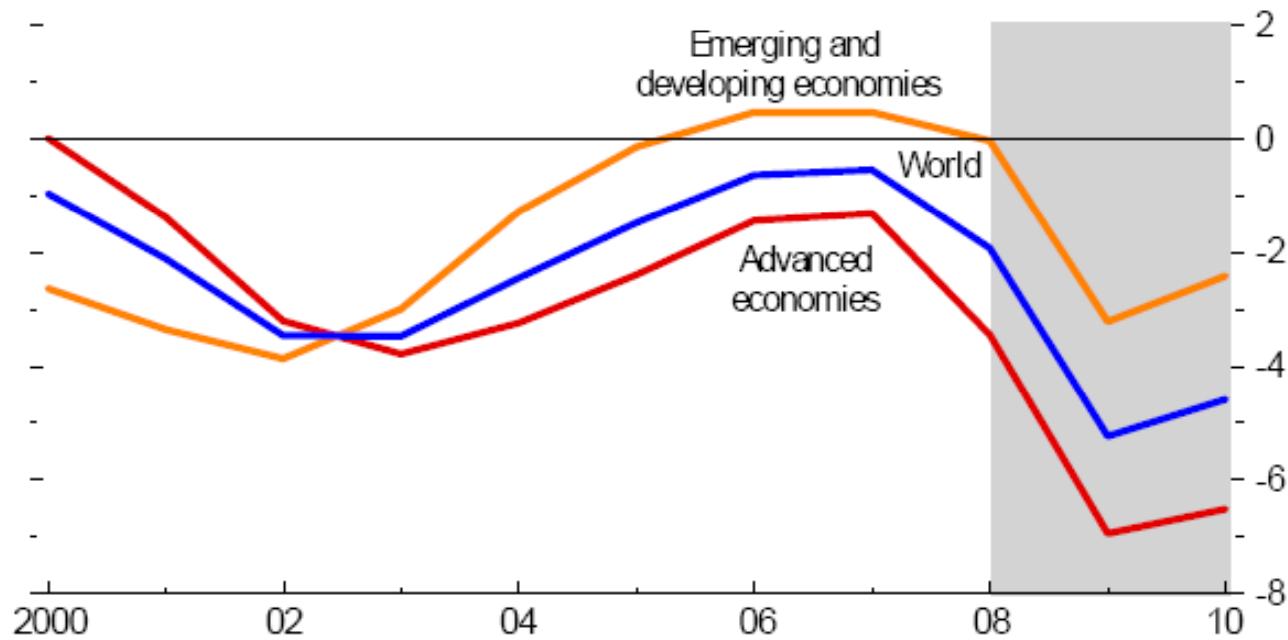
... COM CUSTOS ELEVADOS EM ACTIVIDADE E EMPREGO ...



O PERFIL DA CRISE

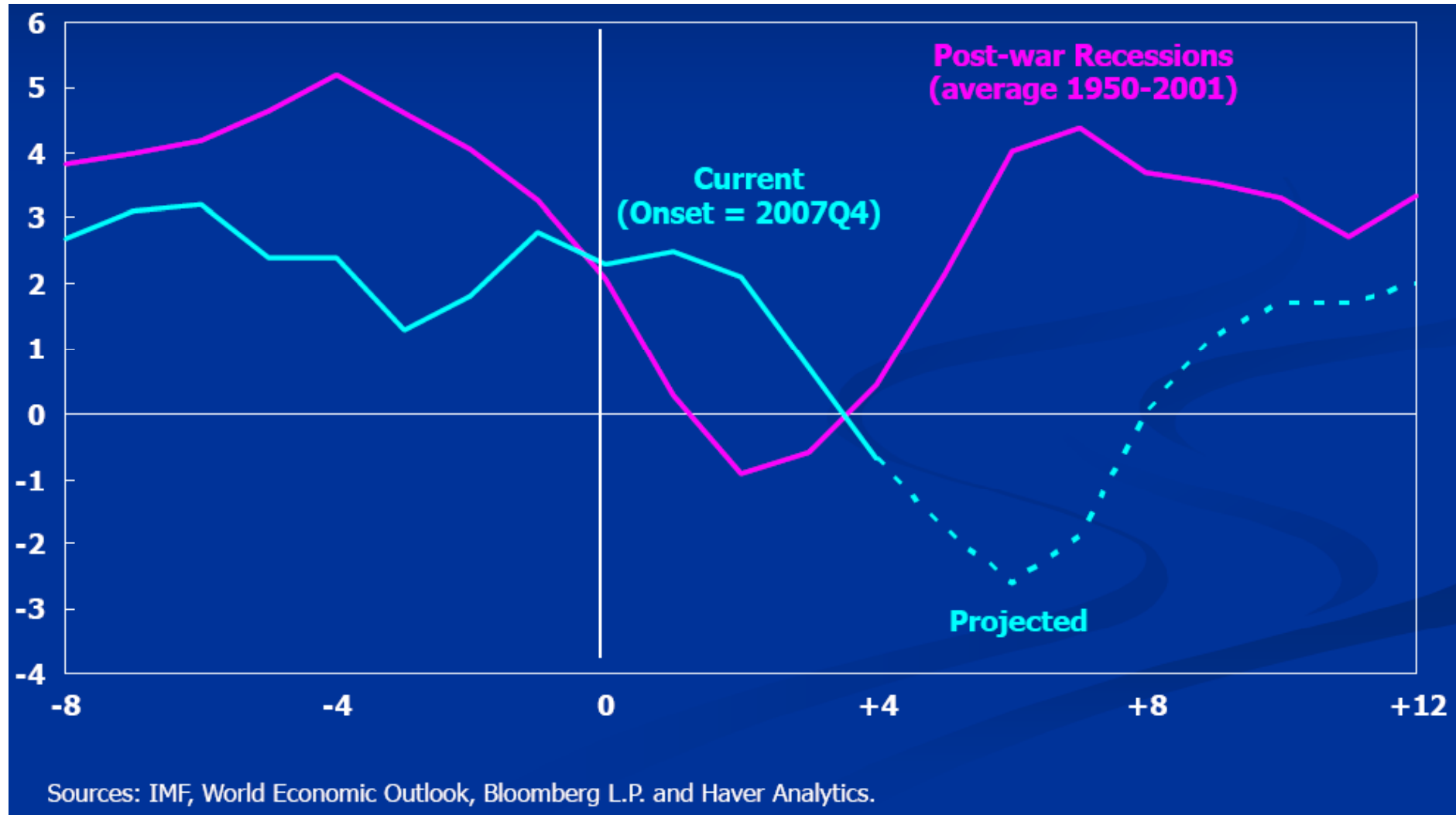
... MAS SEM DEIXAR DE GERAR FORTES DÉFICES PÚBLICOS

(saldos orçamentais em % do PIB)

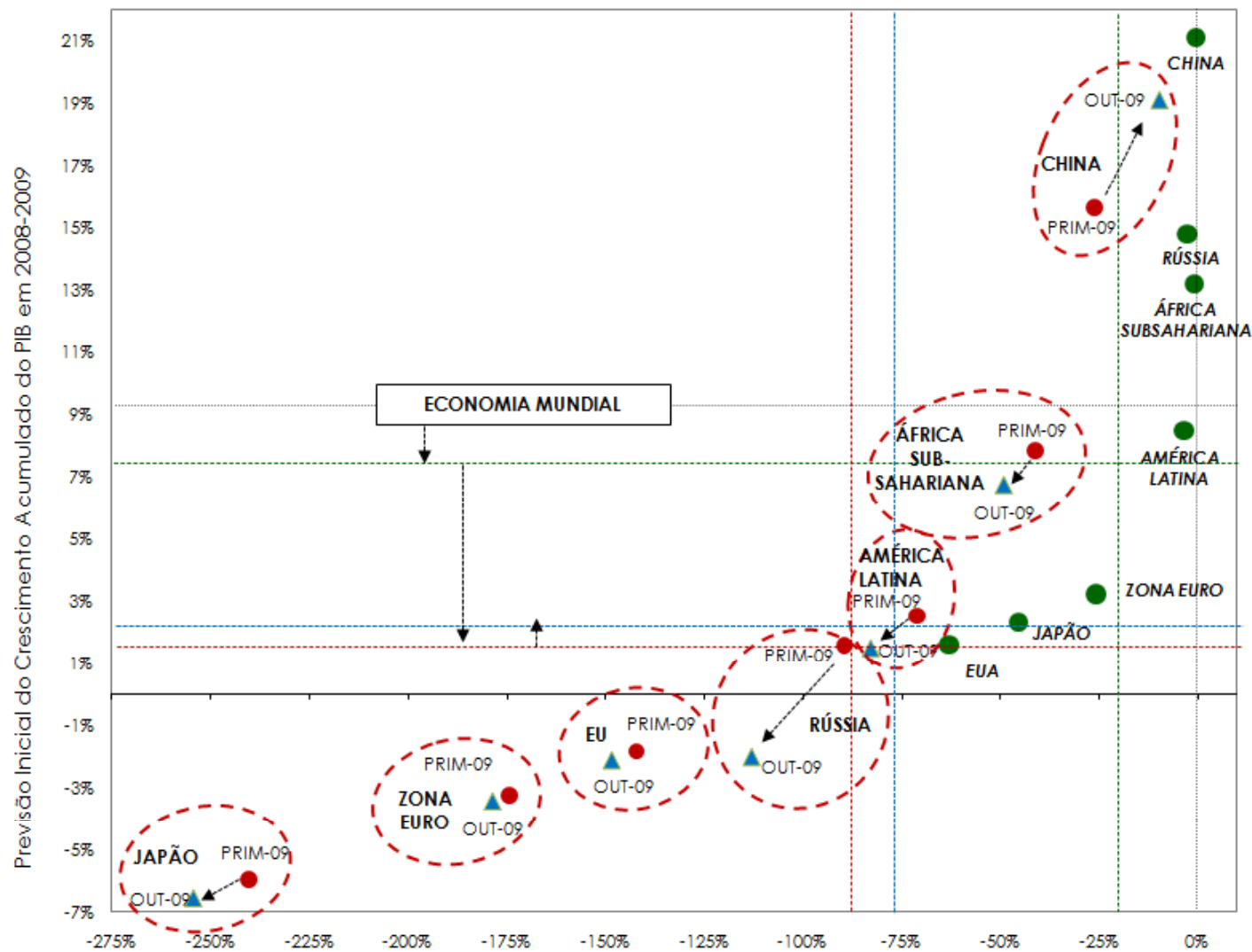


Source: IMF staff estimates.

UMA CRISE MAIS LONGA ...

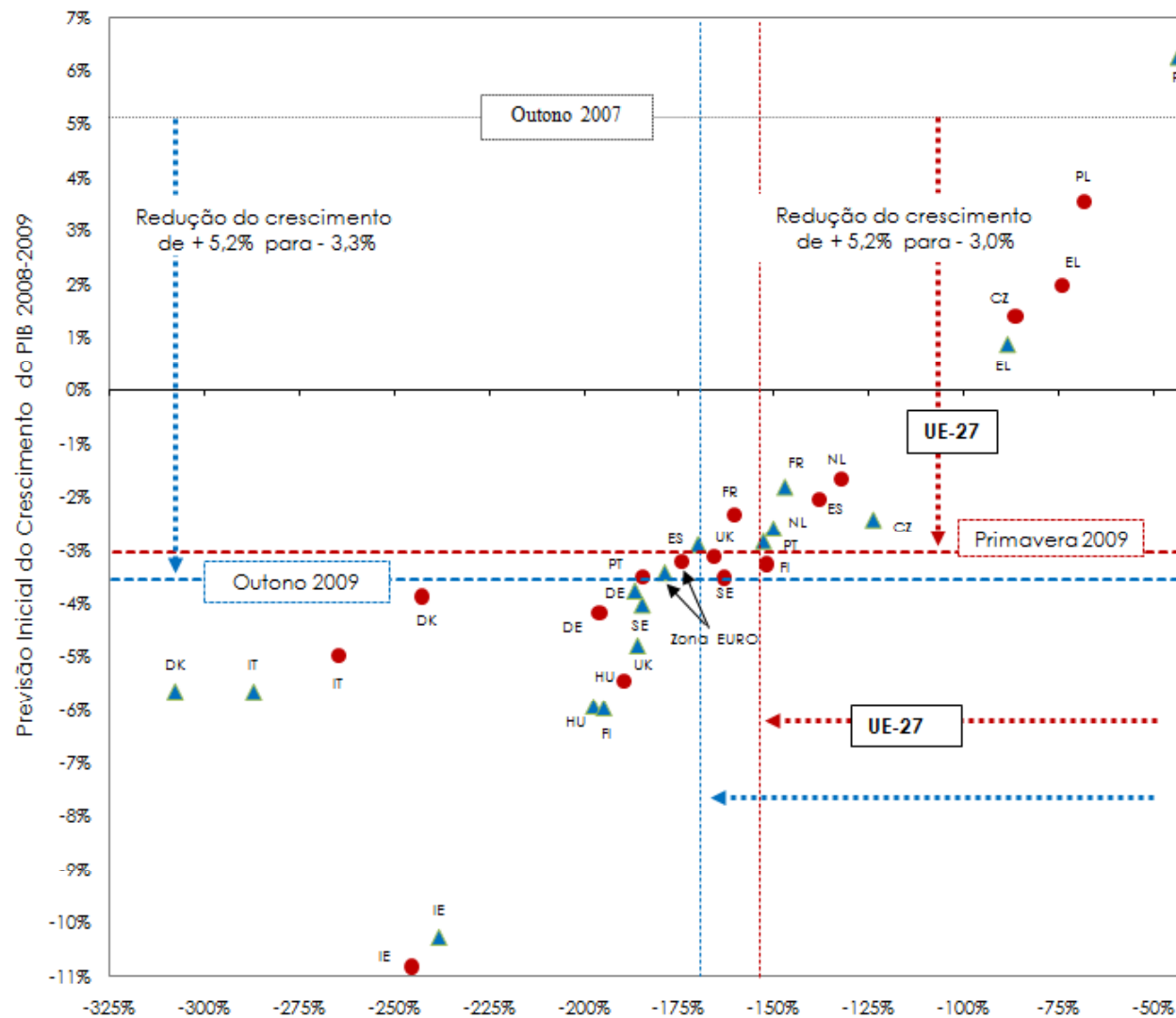


DIFERENTES RITMOS DE MANIFESTAÇÃO DA RECESSÃO ECONÓMICA À ESCALA MUNDIAL



Dimensão da redução do ritmo de crescimento acumulado em 2008-2009
(Previsões Outono 2007 vs Previsões Primavera 2008, Primavera 2009 e Outono 2009)

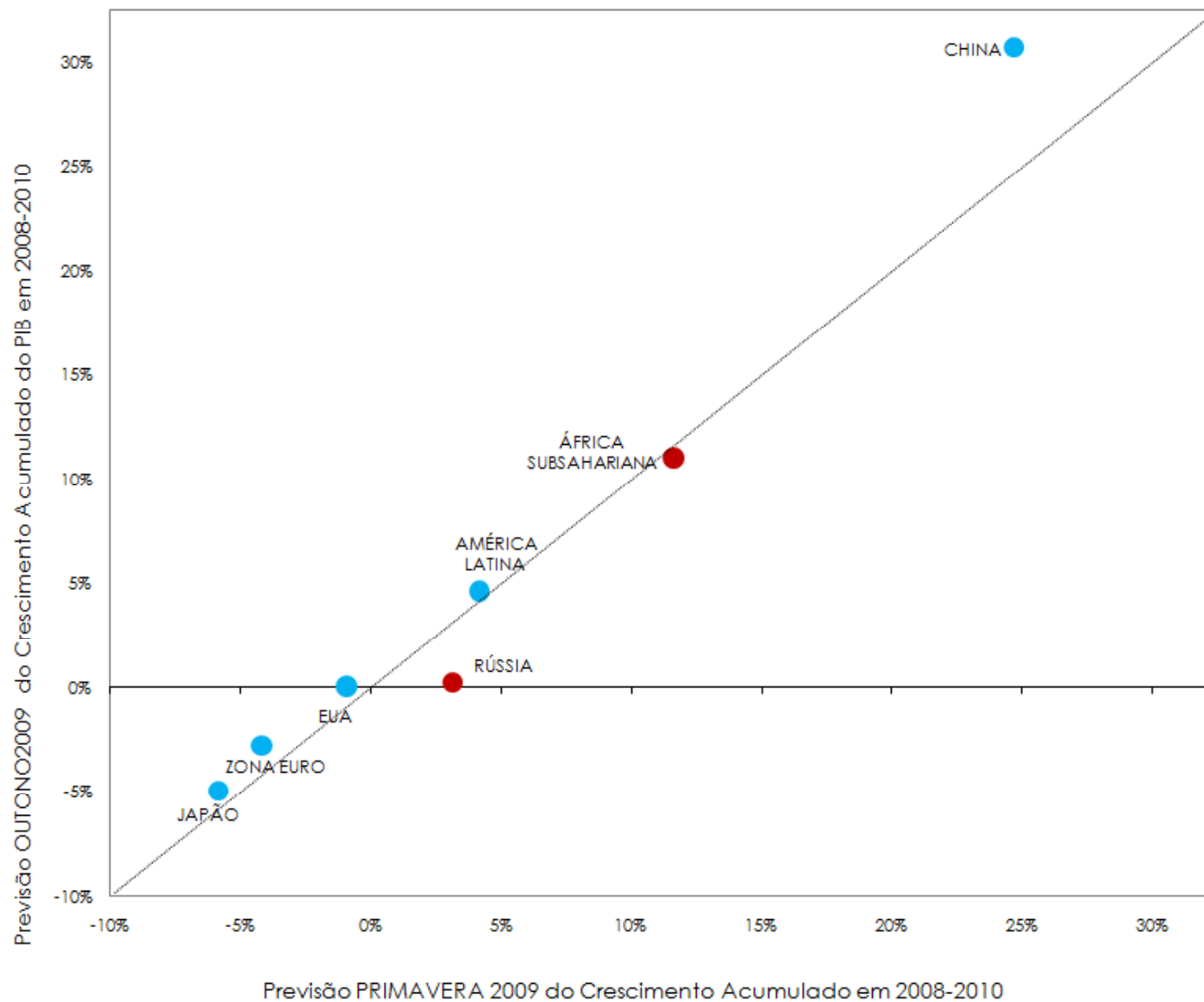
DIFERENTES RITMOS DE MANIFESTAÇÃO DA RECESSÃO ECONÓMICA À ESCALA EUROPEIA



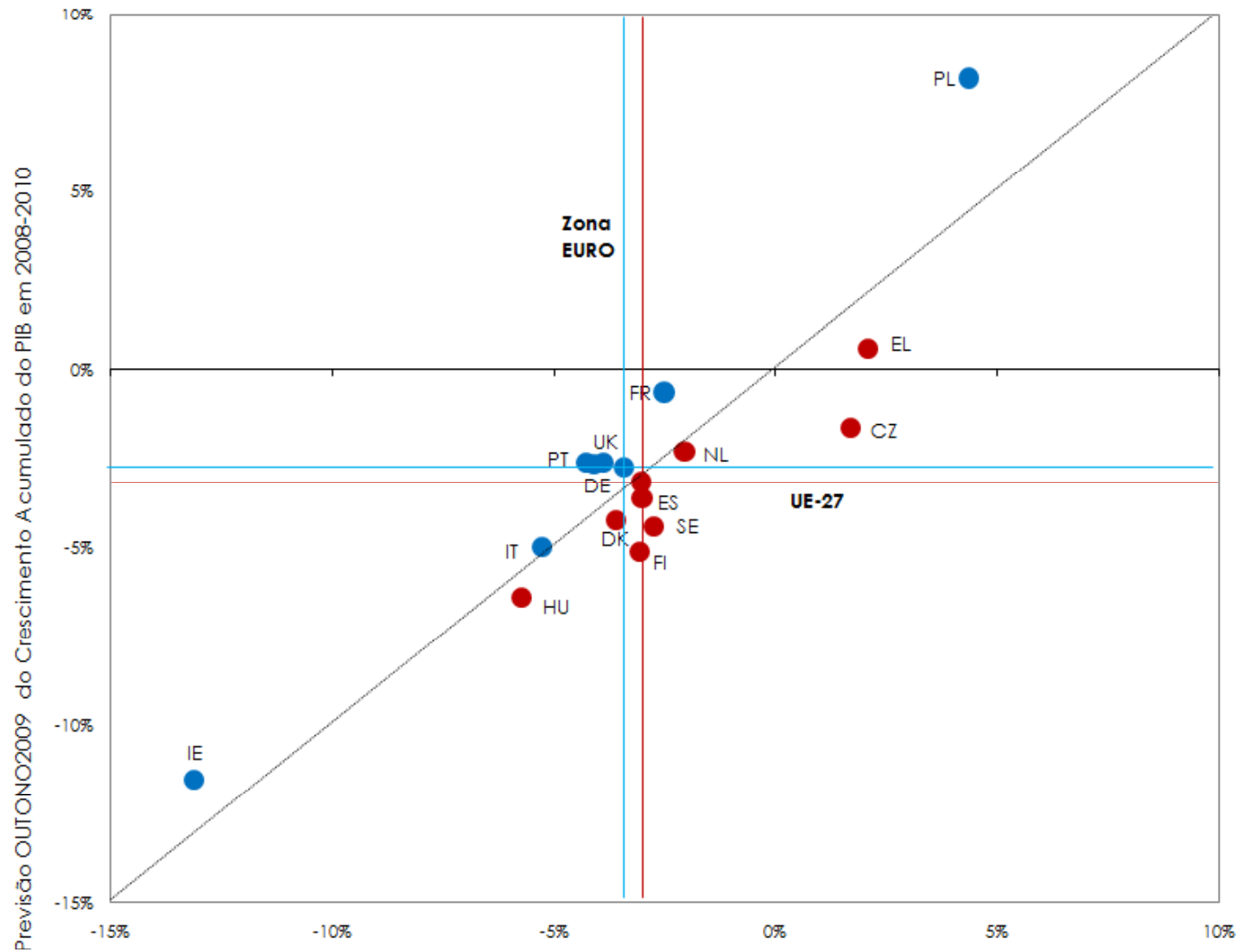
Dimensão da redução do ritmo de crescimento acumulado em 2008-2009
(Previsões Outono 2007 vs Previsões Primavera 2009 e Previsões Outono 2009)



AS PERSPECTIVAS PARA 2010 INDICIAM UMA RECUPERAÇÃO ECONÓMICA IGUALMENTE DESIGUAL

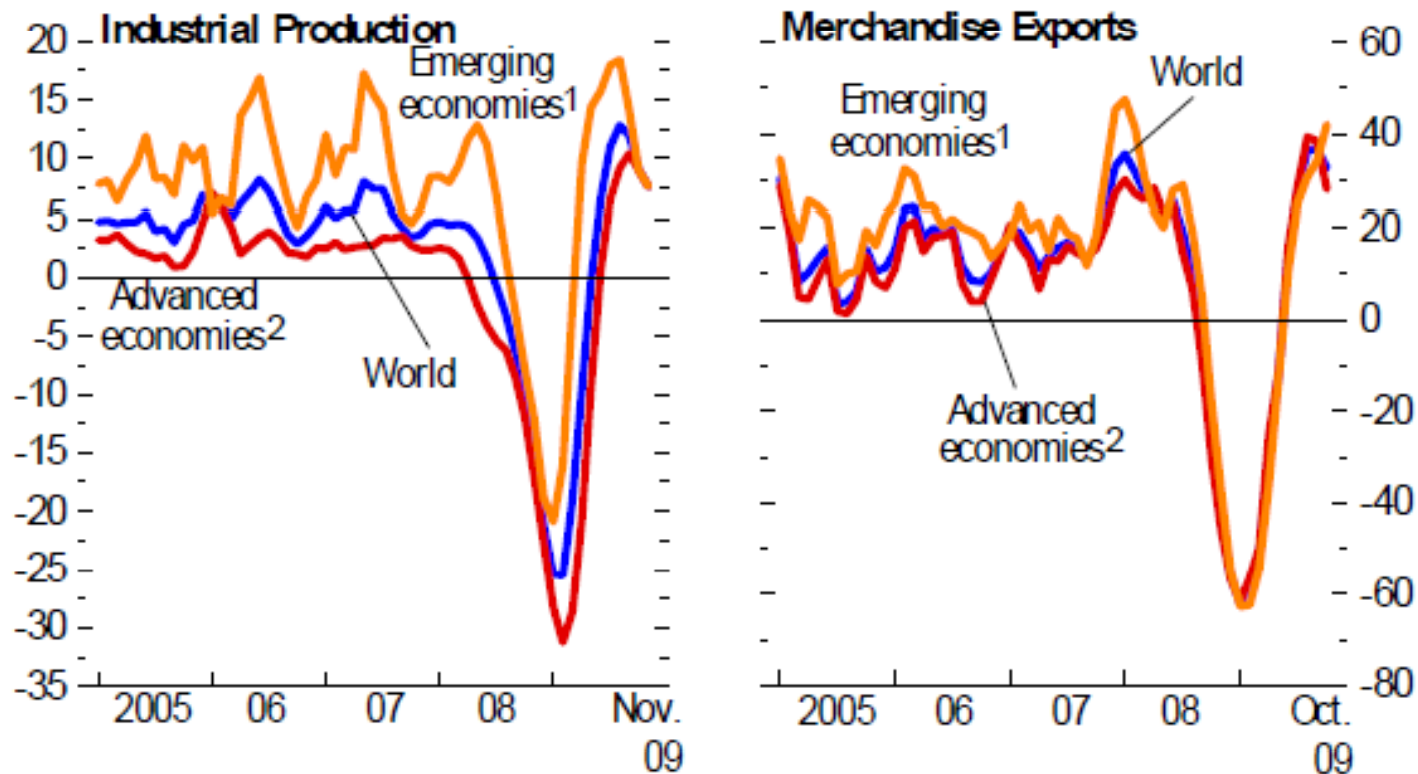


AS PERSPECTIVAS PARA 2010 INDICIAM UMA RECUPERAÇÃO ECONÓMICA IGUALMENTE DESIGUAL



Previsão PRIMAVERA 2009 do Crescimento Acumulado em 2008-2010

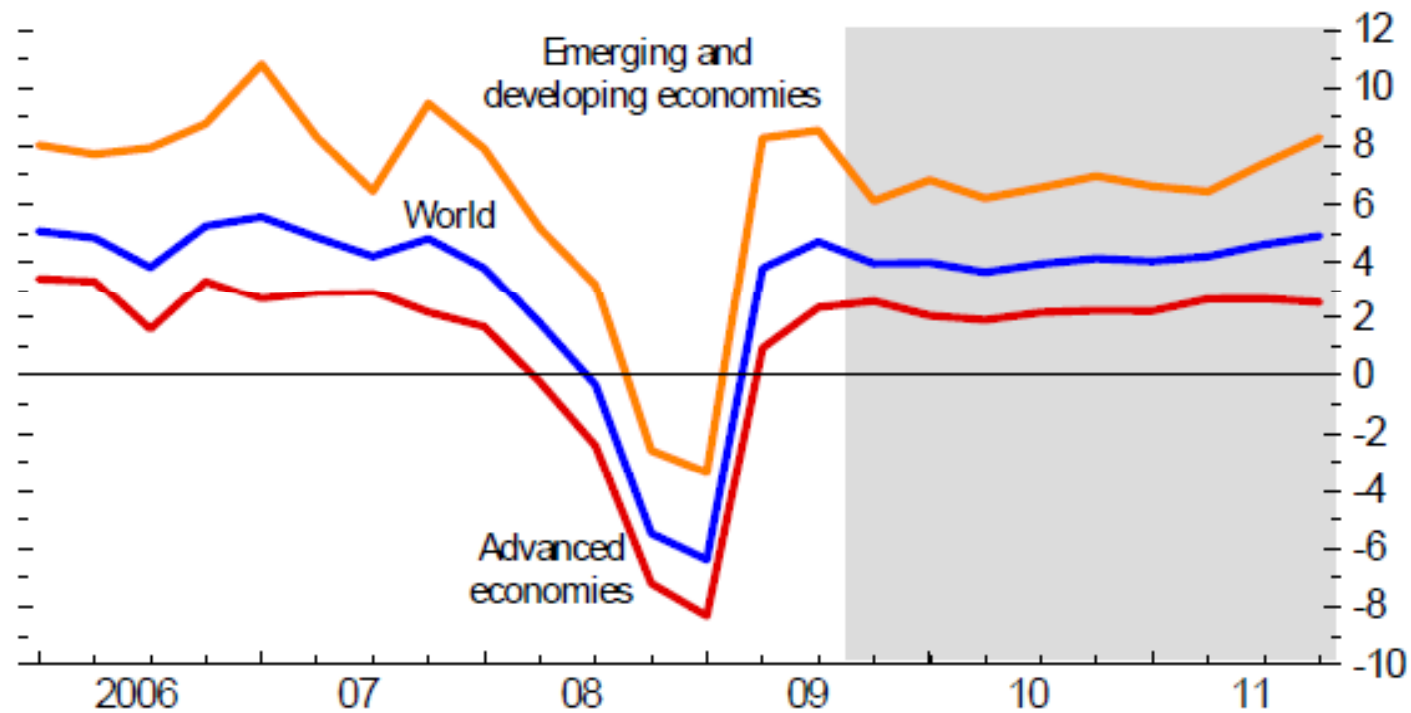
O PERFIL DA SAÍDA DA CRISE



Sources: Haver Analytics; and IMF staff calculations.

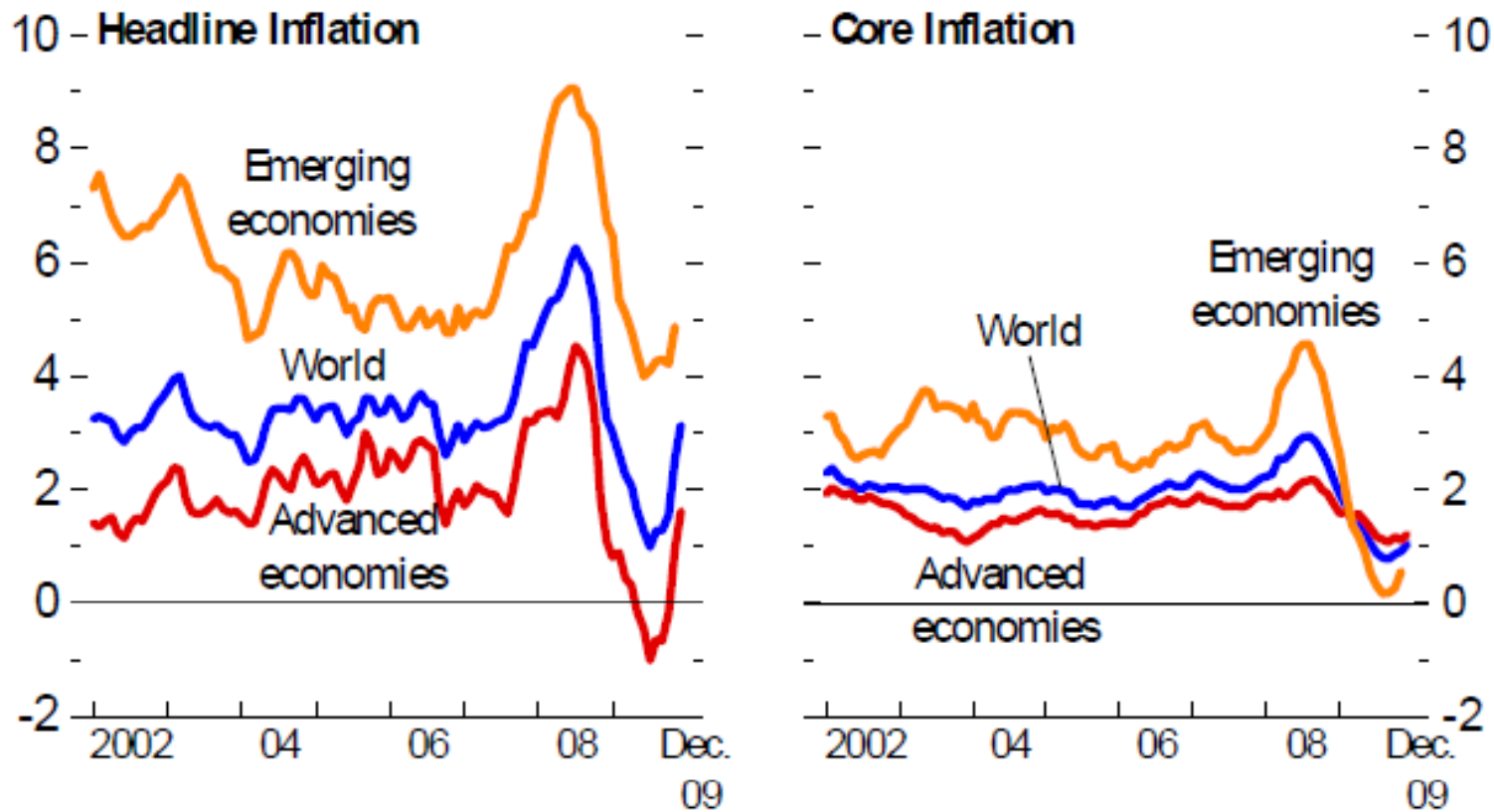
O PERFIL DA SAÍDA DA CRISE

CRECIMENTO DO PIB



Source: IMF staff estimates.

O PERFIL DA SAÍDA DA CRISE



Sources: Haver Analytics; and IMF staff calculations.

UMA CRISE REGULADORA E UMA CRISE DE REGULAÇÃO

Esta primeira “grande crise” da fase mais recente da “globalização” configura-se como uma crise complexa e duradoura, nascida não só da profunda integração mundial de certas actividades económicas cruciais, agravando decisivamente o **desequilíbrio** entre o **poder económico** e o **poder político e institucional**, isto é, entre a dimensão (global, mundial) desses mercados e a dimensão (nacional e/ou regional) dos mecanismos de regulação e da acção das políticas públicas.

UMA CRISE DO MODELO DE CRESCIMENTO UMA CRISE DE EFICIÊNCIA E DE EQUIDADE

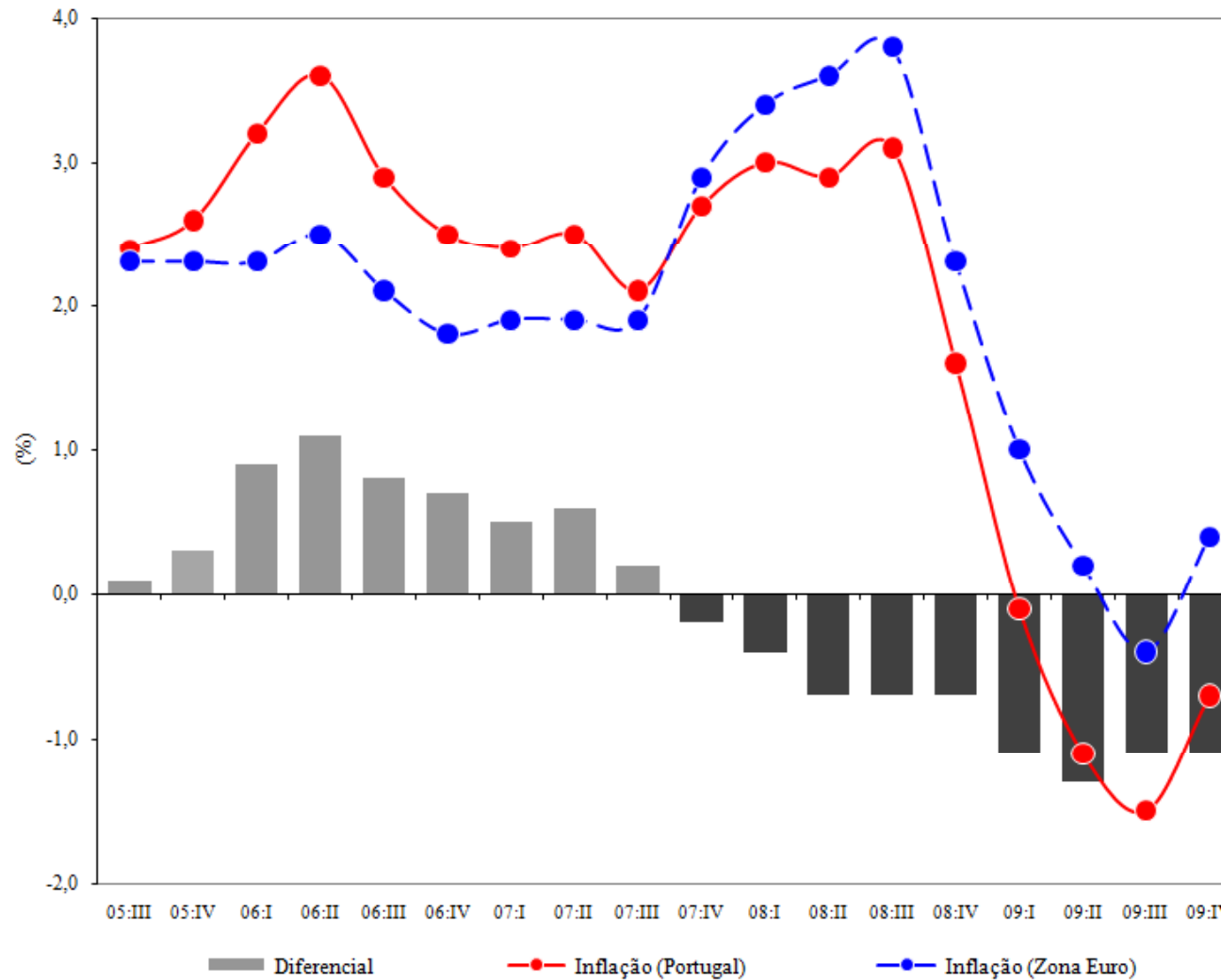
A crise actual resulta também da forte travagem do ritmo de crescimento económico no “coração” do mundo industrializado e urbanizado, sob o impacto das questões do envelhecimento da população e da insustentabilidade ambiental dos modelos energéticos de produção, consumo e mobilidade, agravando as **assimetrias económicas e sociais**, à escala nacional e mundial.

A combinação de “**sobreinvestimento**”, orientado para actividades de rendibilidade não sustentável, e de “**sobreconsumo**”, alimentado pelo endividamento, gerou um desequilíbrio financeiro global que demorará a corrigir

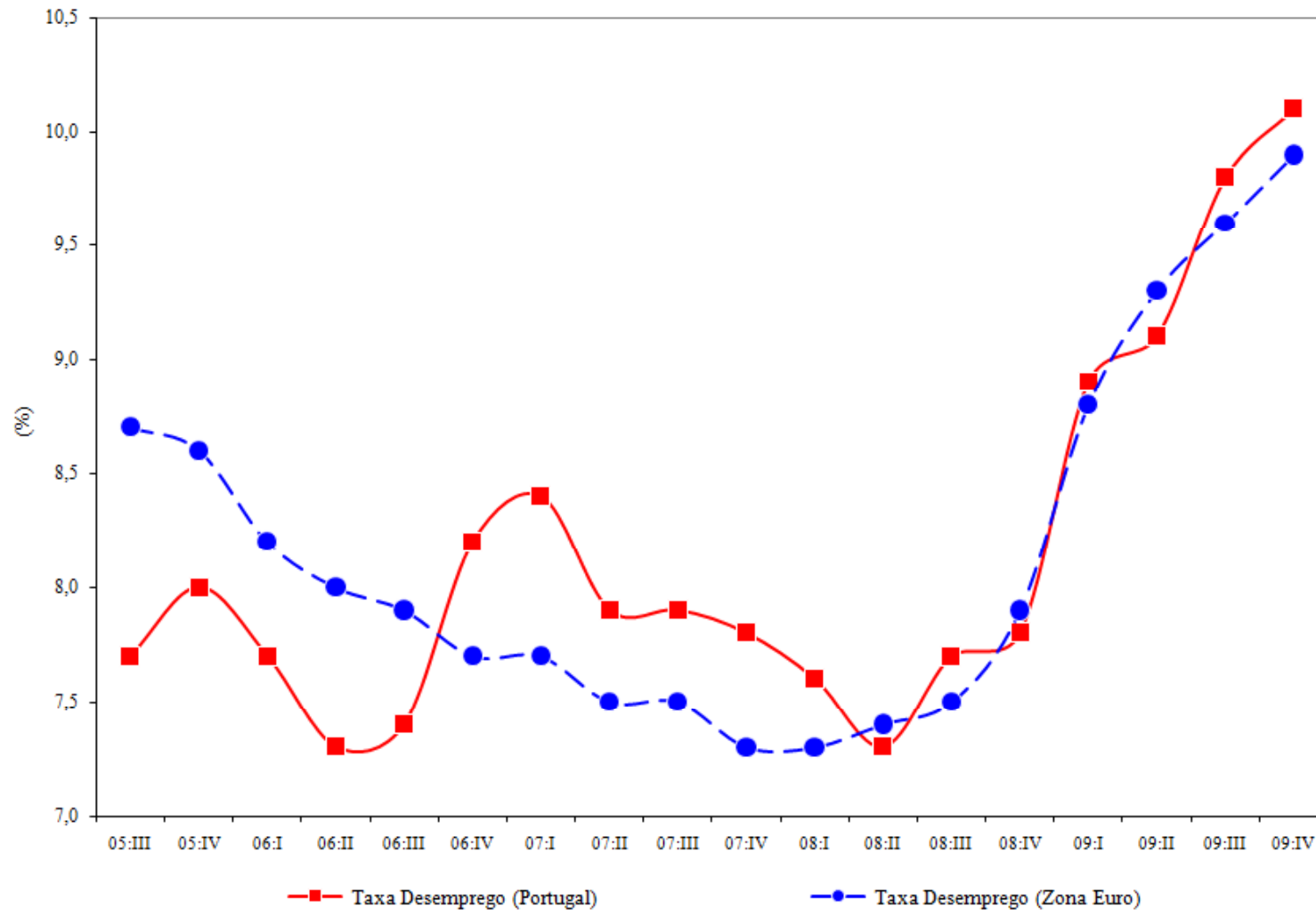
A CRISE ECONÓMICA MUNDIAL E A ECONOMIA PORTUGUESA

Desequilíbrios e Dificuldades
Crescentes

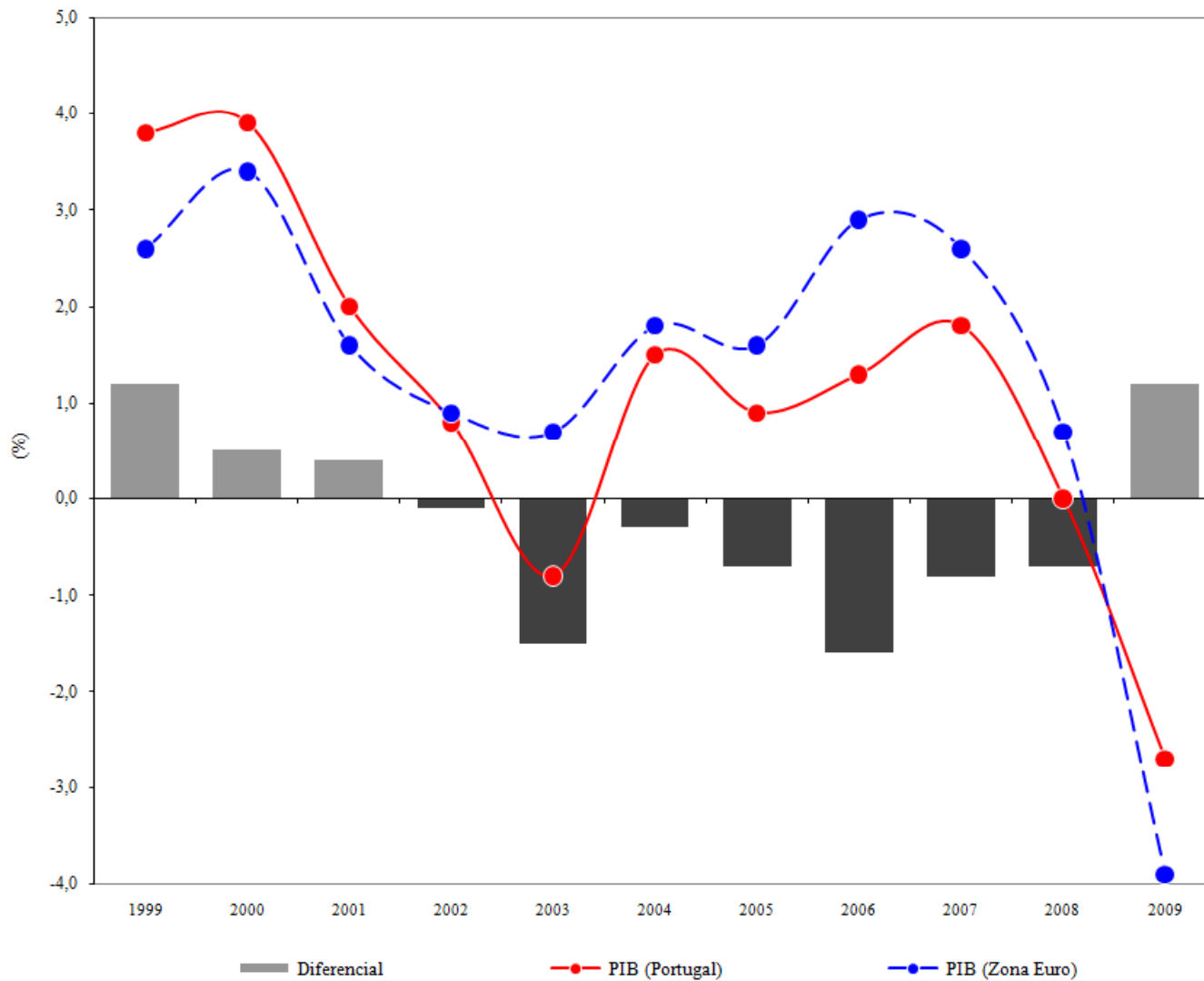
O SURGIMENTO DA DEFLAÇÃO



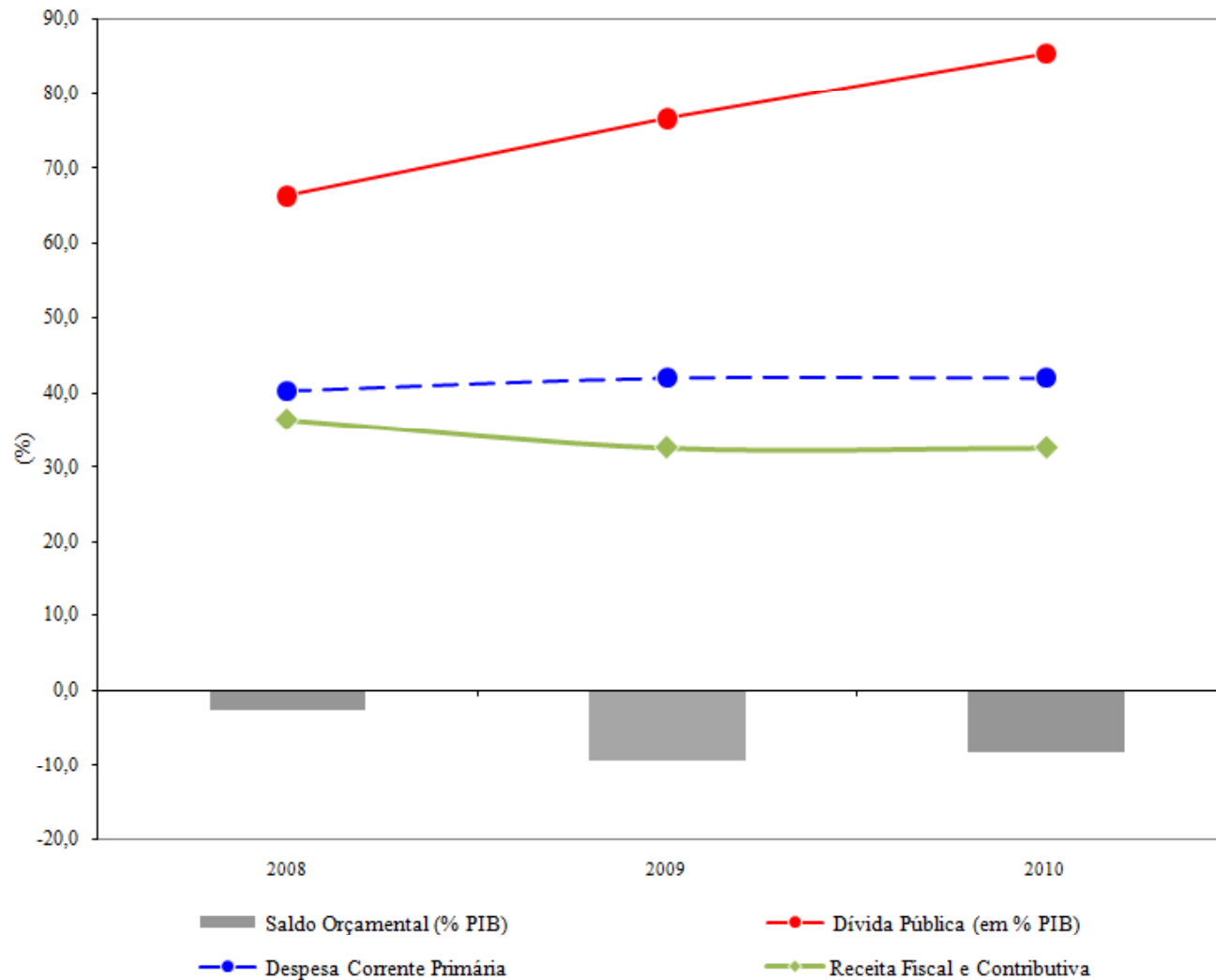
O AGRAVAMENTO DO DESEMPREGO



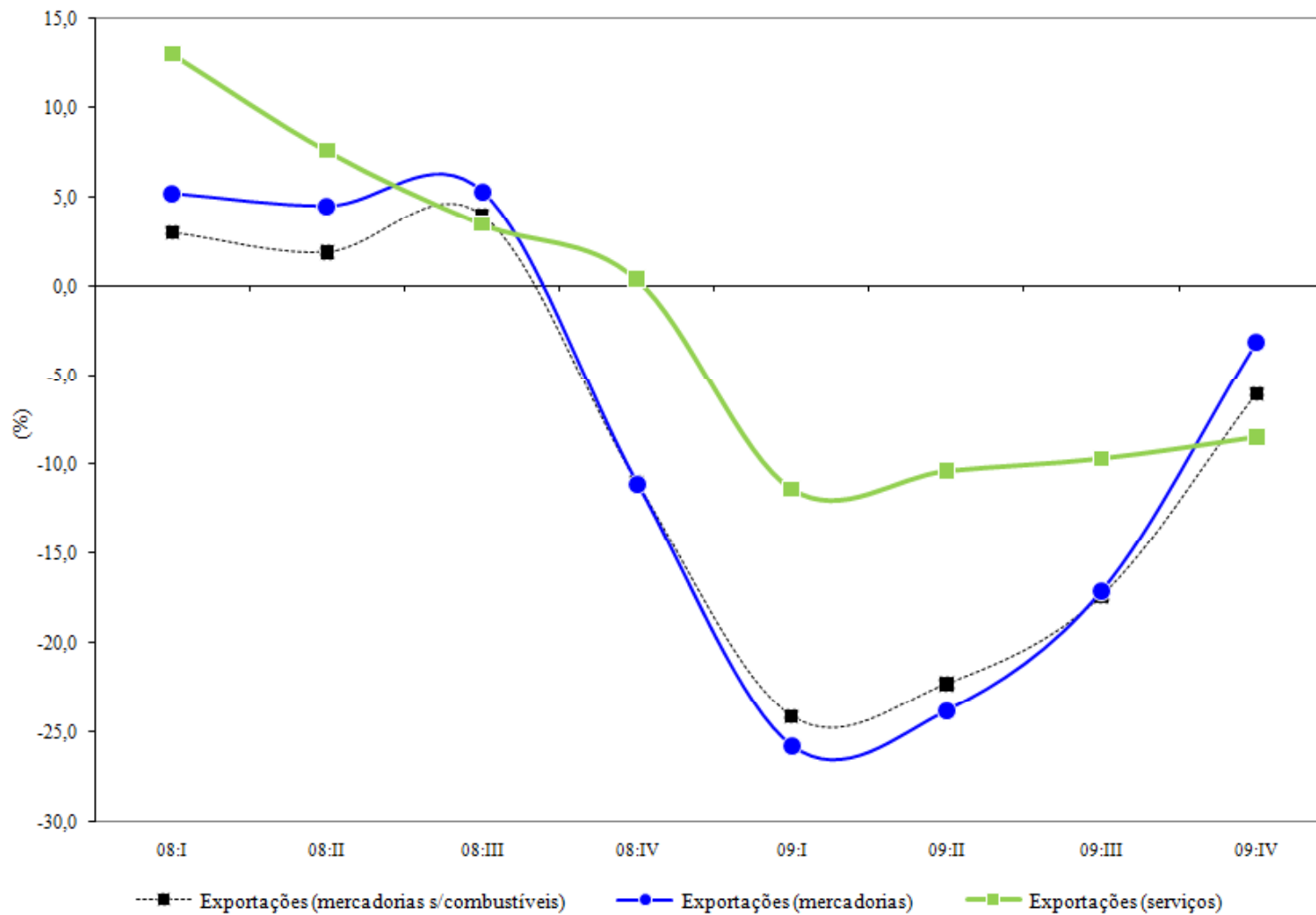
“CRESCIMENTO ANÉMICO” E RECESSÃO



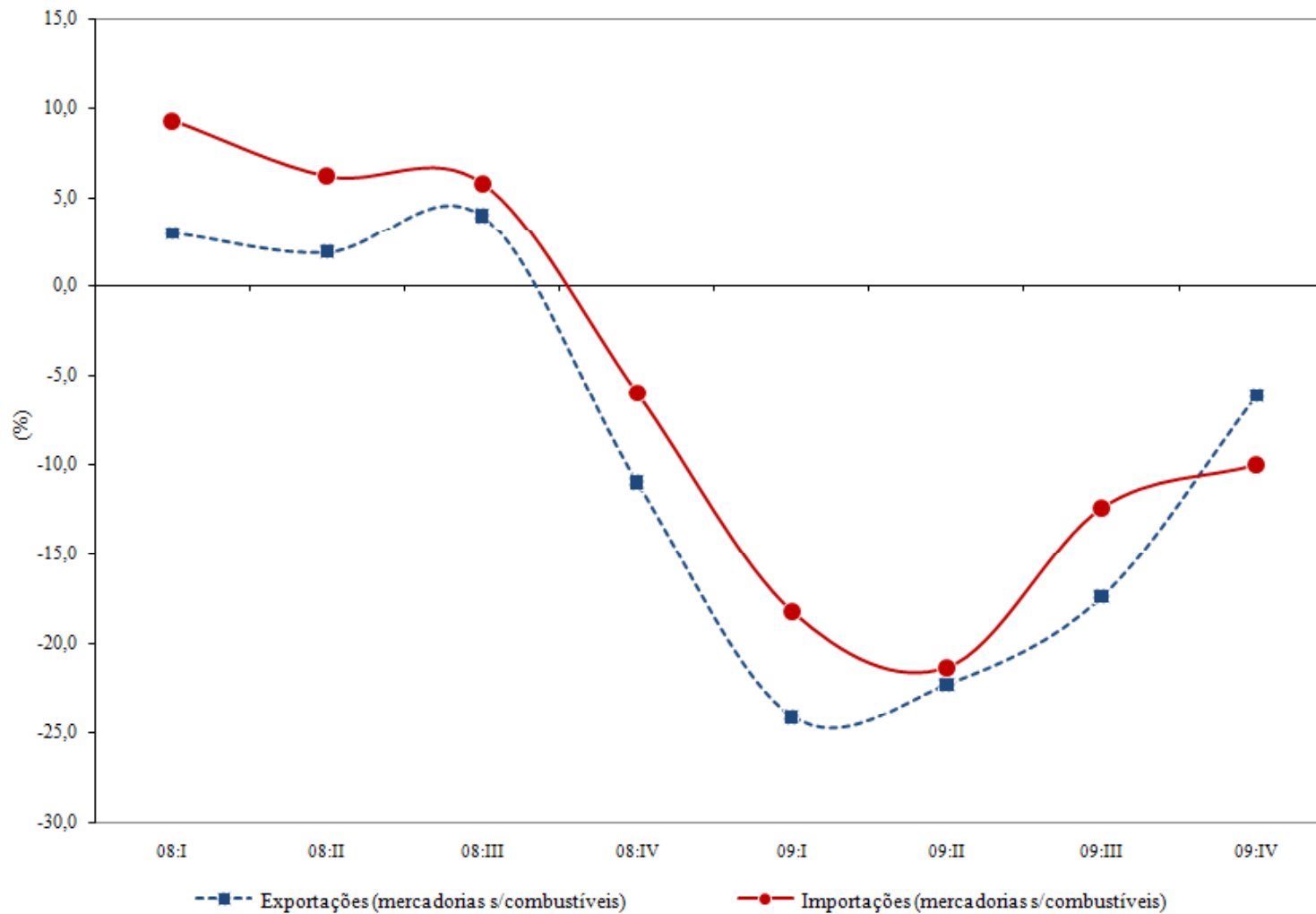
CRISE NAS FINANÇAS PÚBLICAS



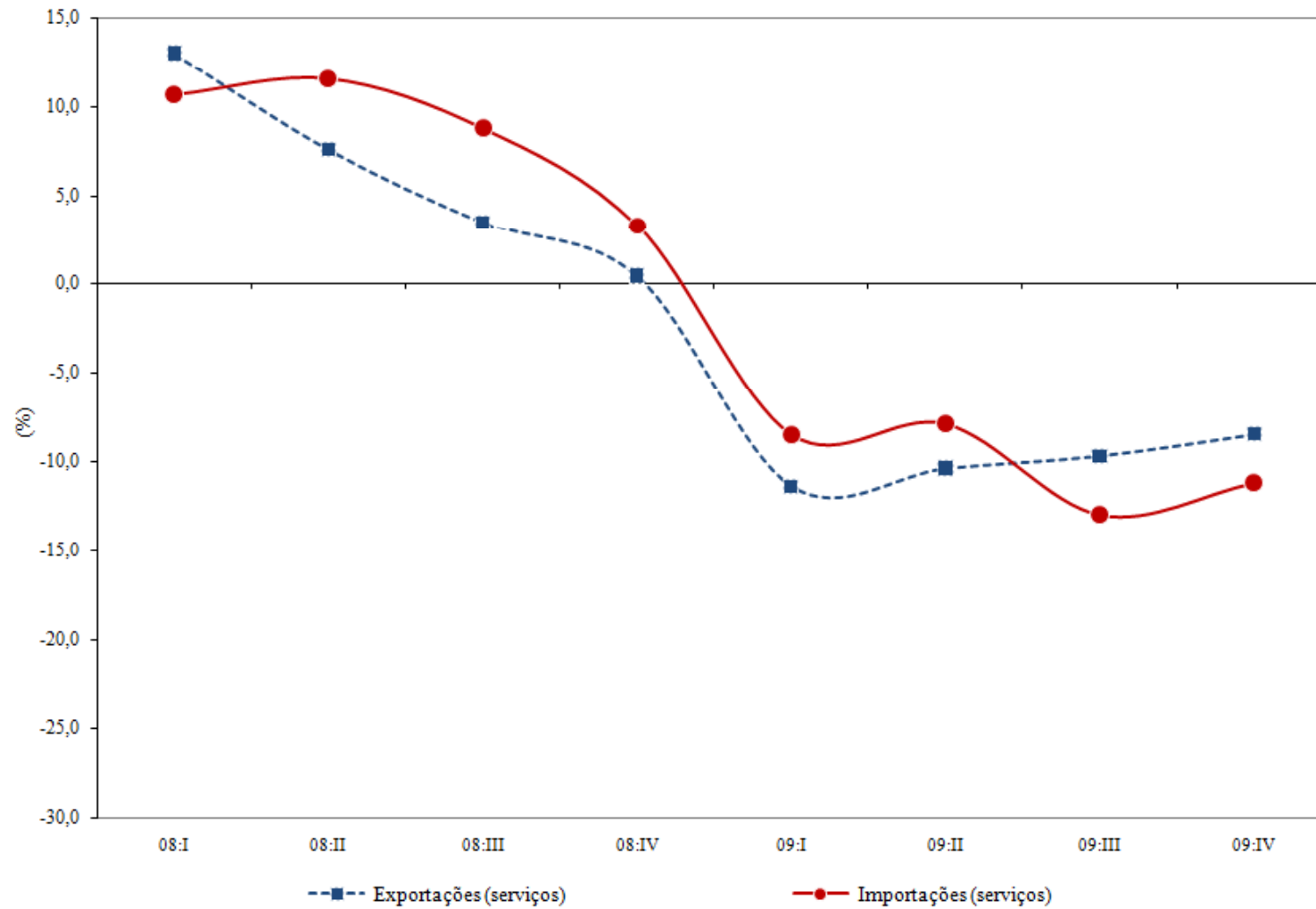
CRISE NO COMÉRCIO EXTERNO



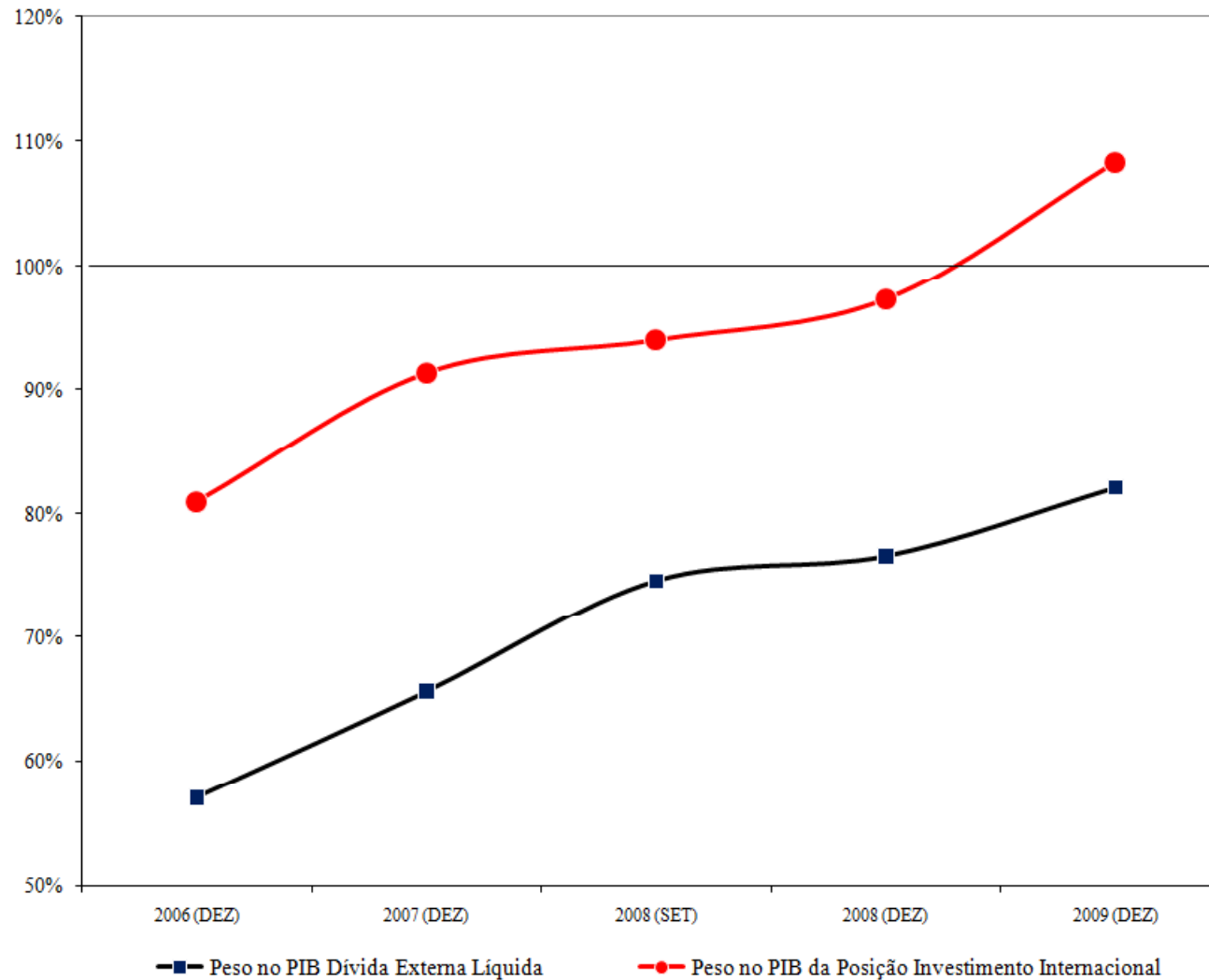
CRISE NO COMÉRCIO EXTERNO



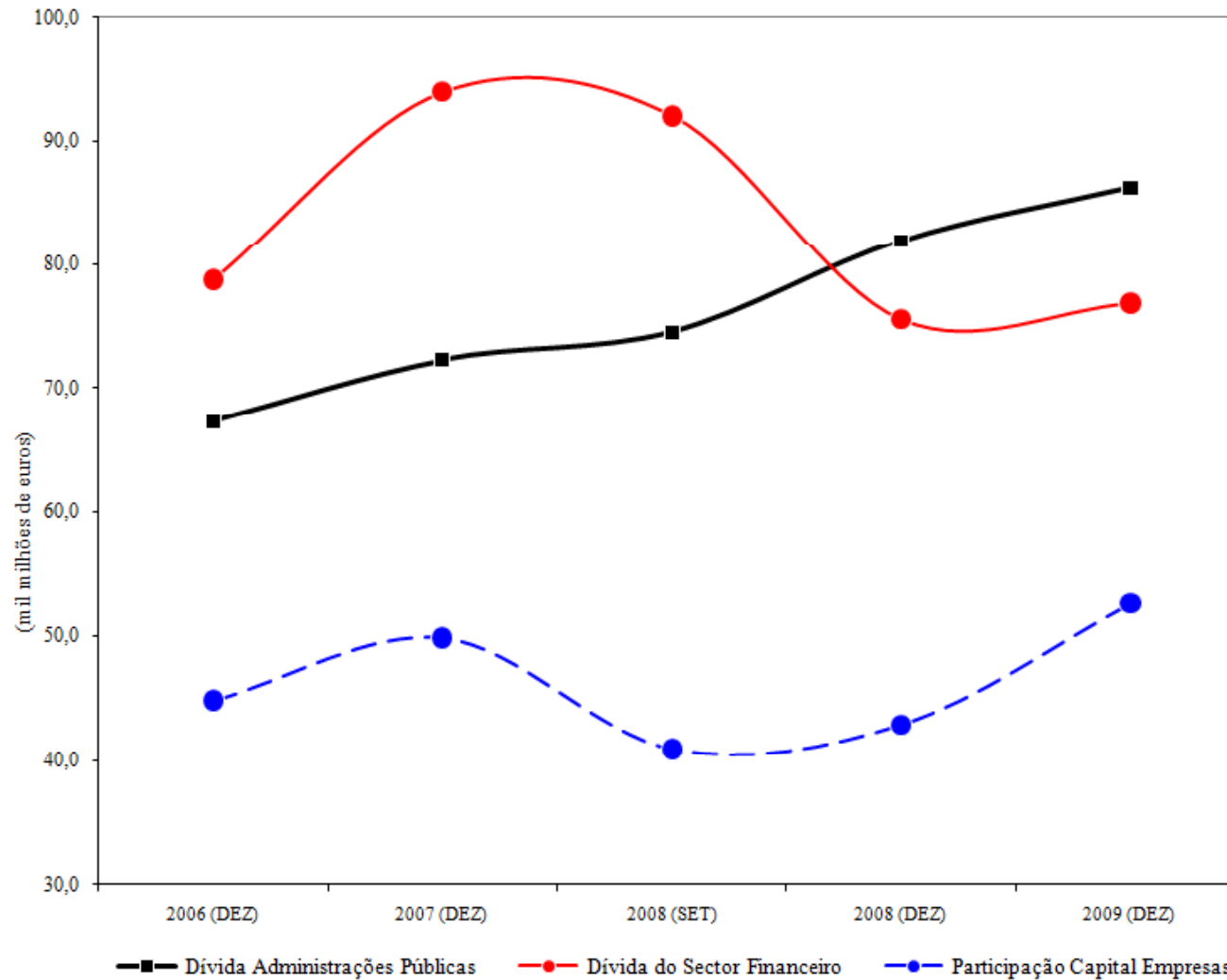
CRISE NO COMÉRCIO EXTERNO



OS DÉFICES EXTERNOS ... E OS SEUS RISCOS



OS DÉFICES EXTERNOS ... E OS SEUS RISCOS

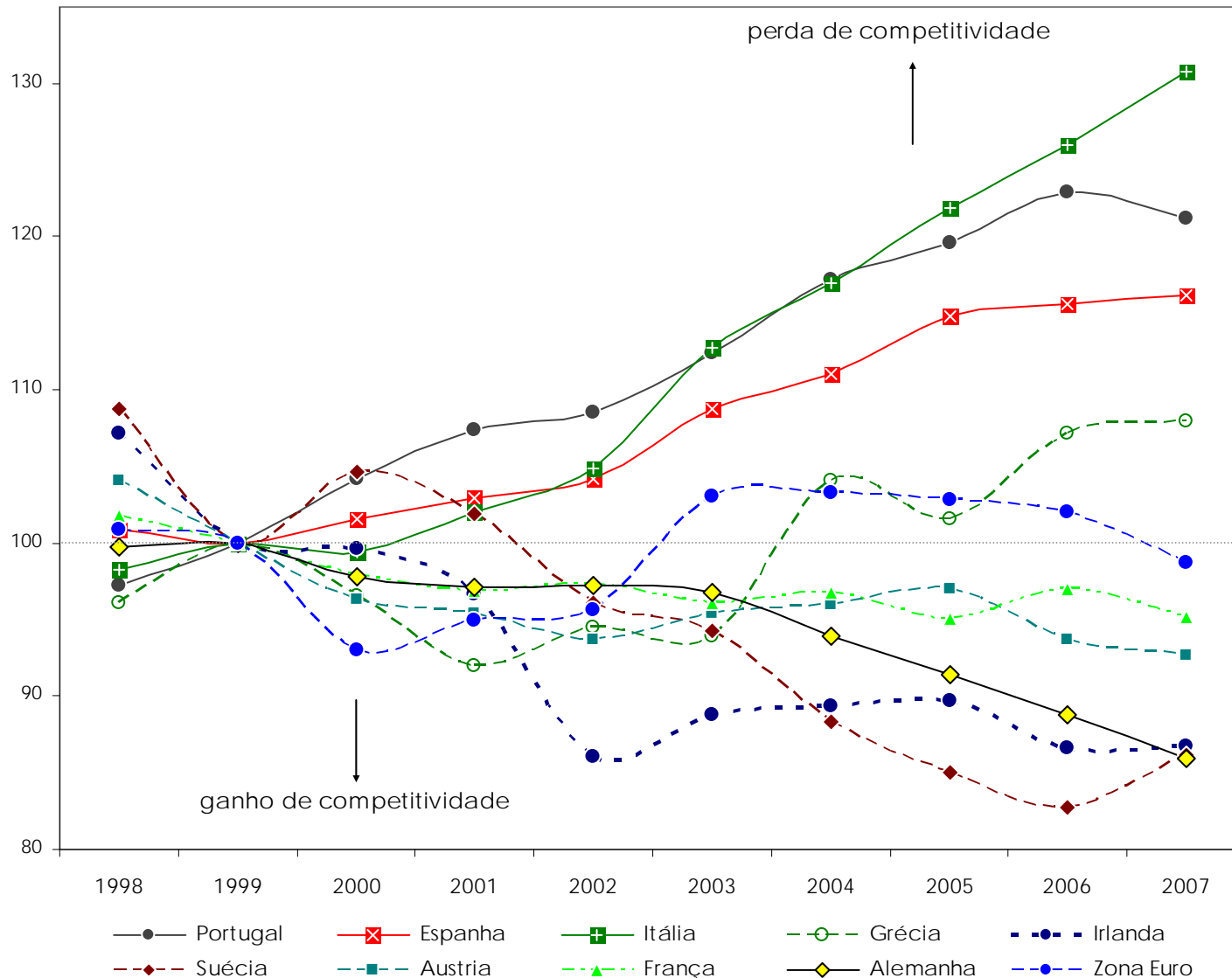


A CRISE DO MODELO EXPORTADOR DA EUROPA DO SUL

Política Cambial do “Euro”
Alargamento da UE
Especialização industrial
Desenvolvimento Tecnológico
Regime de Crescimento
Investimento Directo Estrangeiro
Défice das Transacções Correntes
Degradação da Competitividade

EVOLUÇÃO DA TAXA DE CÂMBIO REAL (1998-2007)

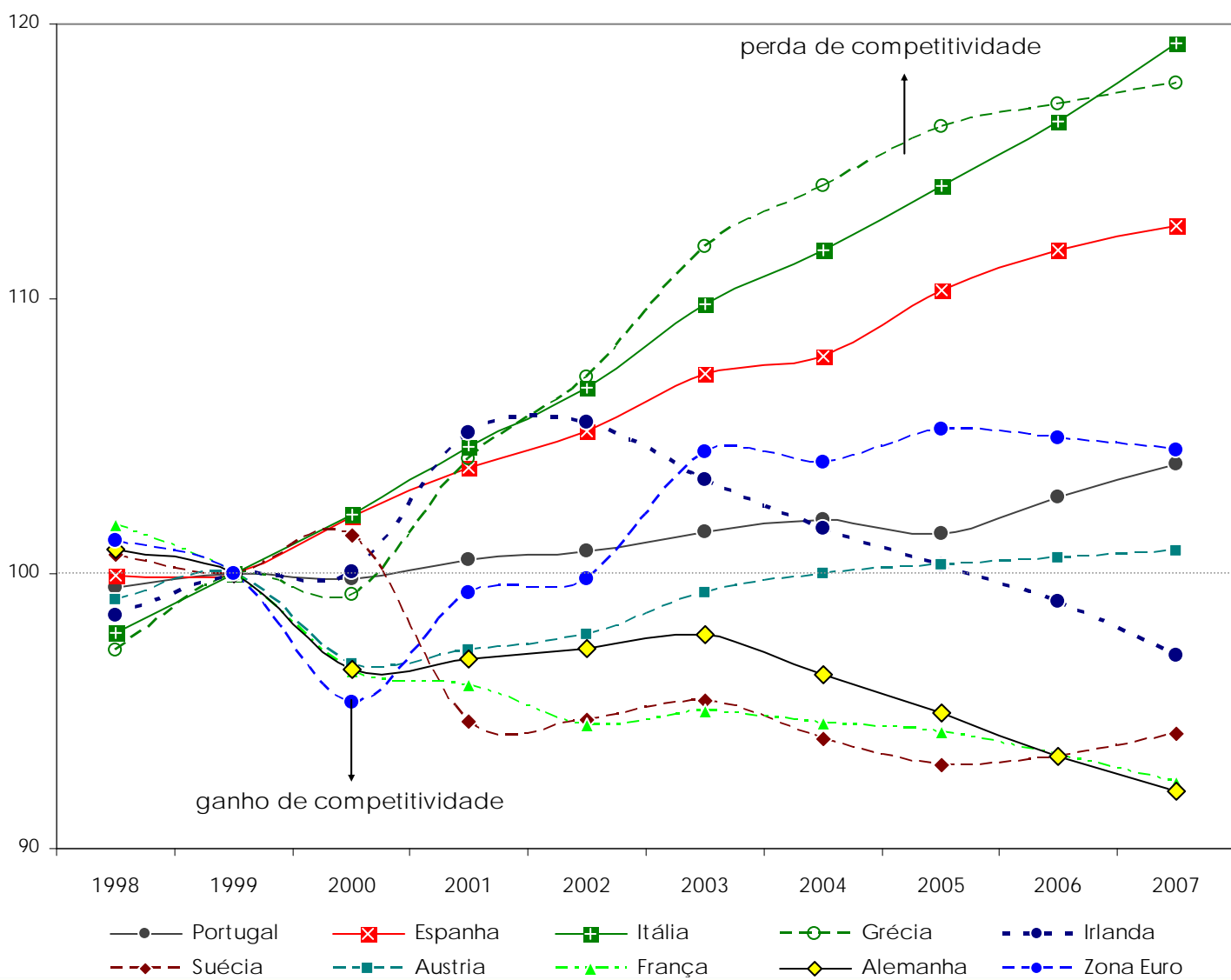
CTUP Sectores Concorrenciados (referencial UE-15, 1999=100)



Na última década, as economias da **"Europa do Sul"** destacam-se pela **forte perda de competitividade** evidenciada pela evolução da taxa de câmbio real no sector exposto à concorrência, em especial, e por essa ordem, Itália, Portugal e Espanha

EVOLUÇÃO DA TAXA DE CÂMBIO REAL (1998-2007)

Deflator dos Preços de Exportação (referencial UE-15, 1999=100)

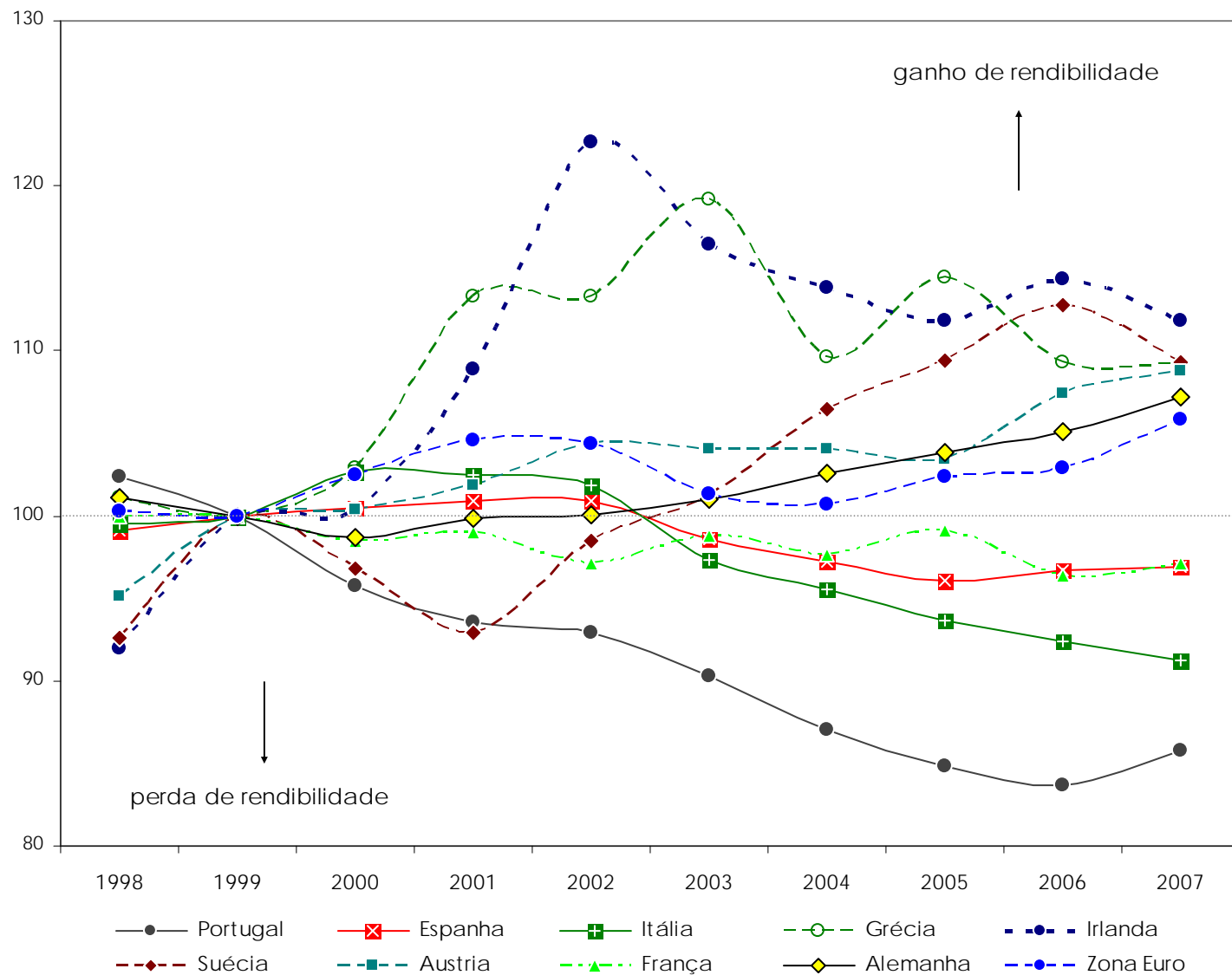


A **perda de competitividade** foi, parcialmente moderada, pelo comportamento dos preços de exportação, nomeadamente em Portugal, com excepção da Grécia, onde a evolução dos preços de exportação ainda agravou mais a perda de competitividade



RENDIBILIDADE DO SECTOR EXPORTADOR (1998-2007)

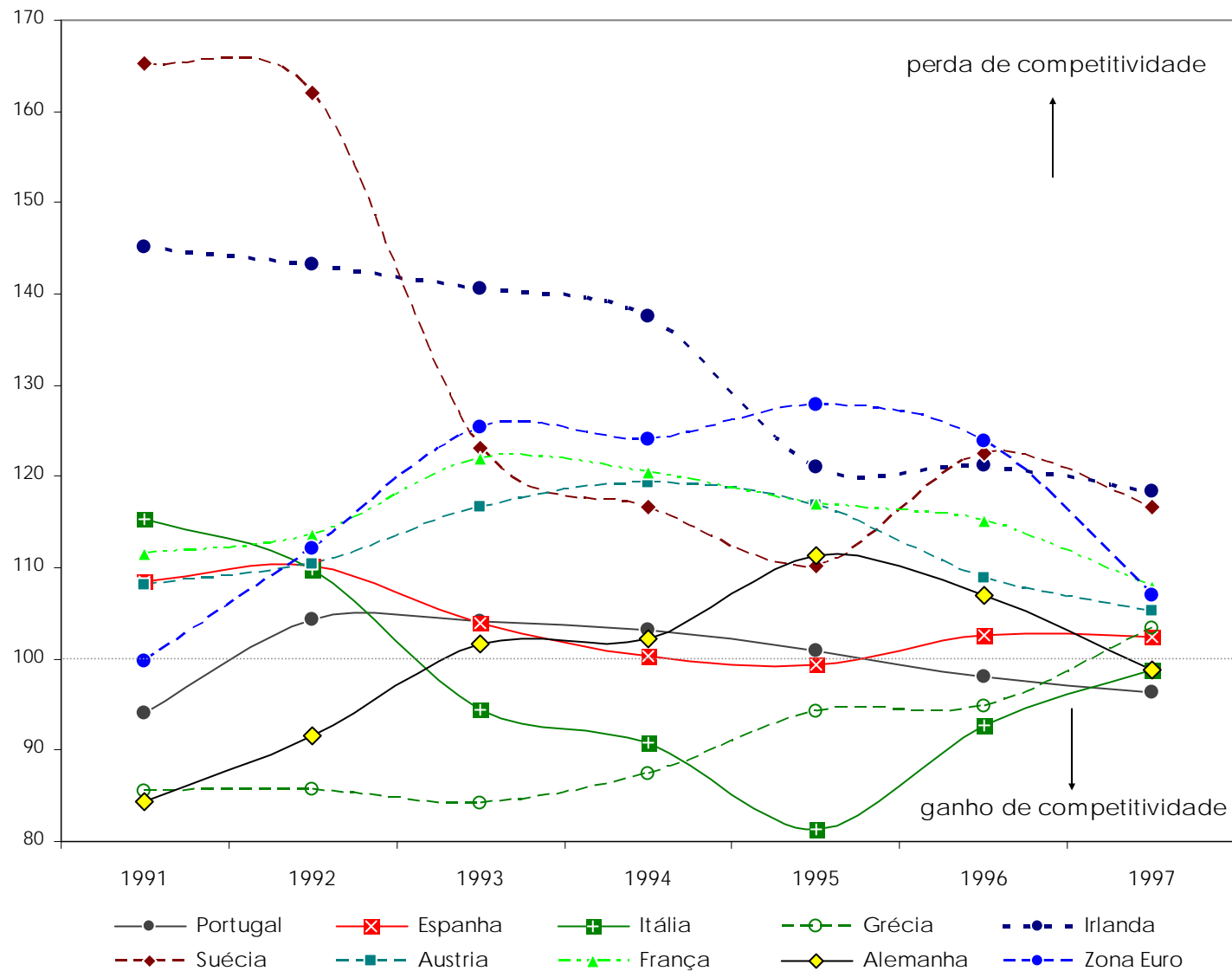
Preços vs. Custos (referencial UE-15, 1999=100)



As **perdas de rentabilidade acentuam-se a partir de 2002** em especial nas economias mais ancoradas em lógicas "price-taker" ou com menor capacidade de diferenciação dos seus produtos de exportação

EVOLUÇÃO DA TAXA DE CÂMBIO REAL (1991-1997)

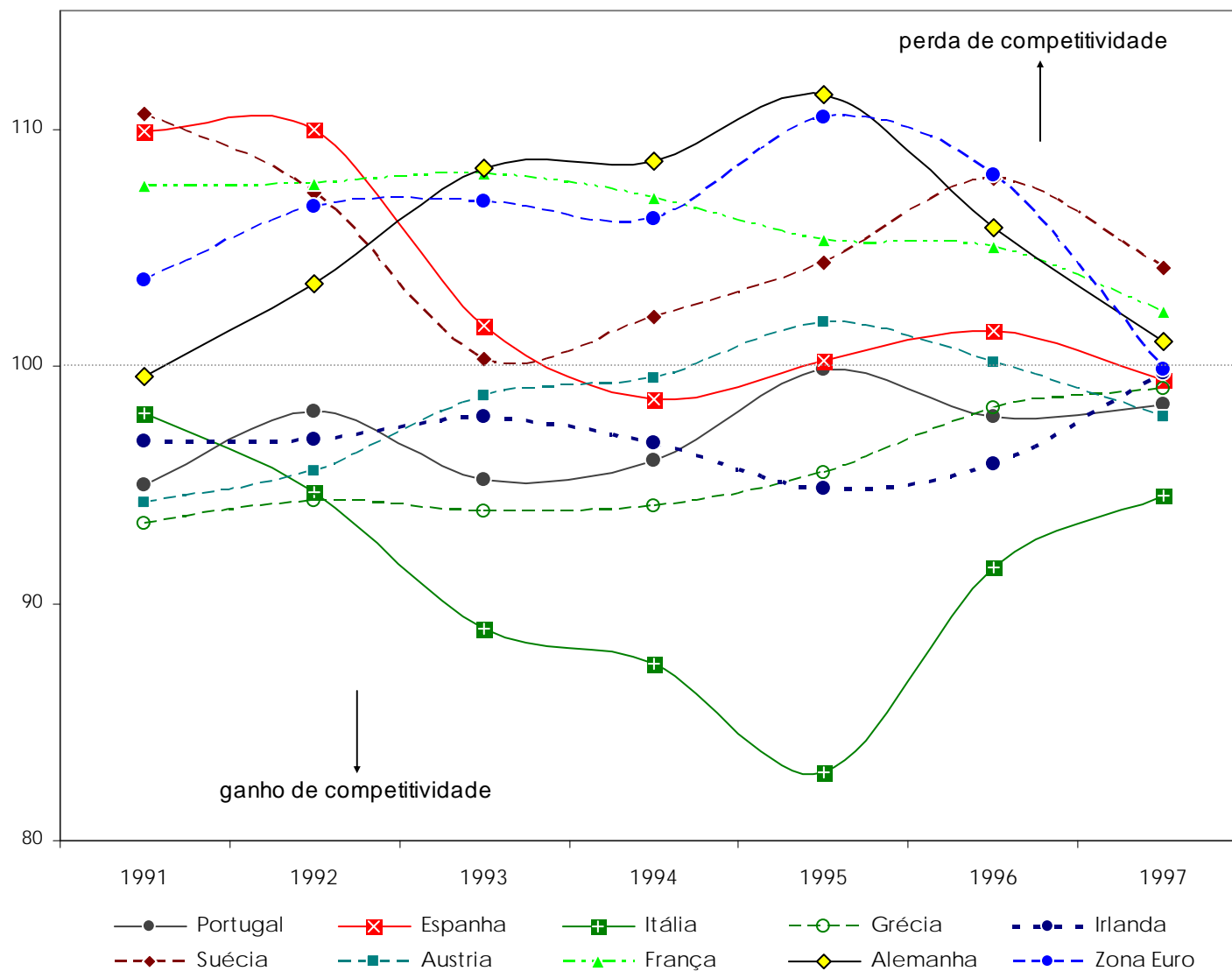
CTUP Sectores Concorrenciados (referencial UE-15, 1999=100)



Nos anos 90, antes do regime de moeda única, as economias da **"Europa do Sul"** registaram ligeiros ganhos de competitividade evidenciados pela evolução da taxa de câmbio real no sector exposto à concorrência

EVOLUÇÃO DA TAXA DE CÂMBIO REAL (1991-1997)

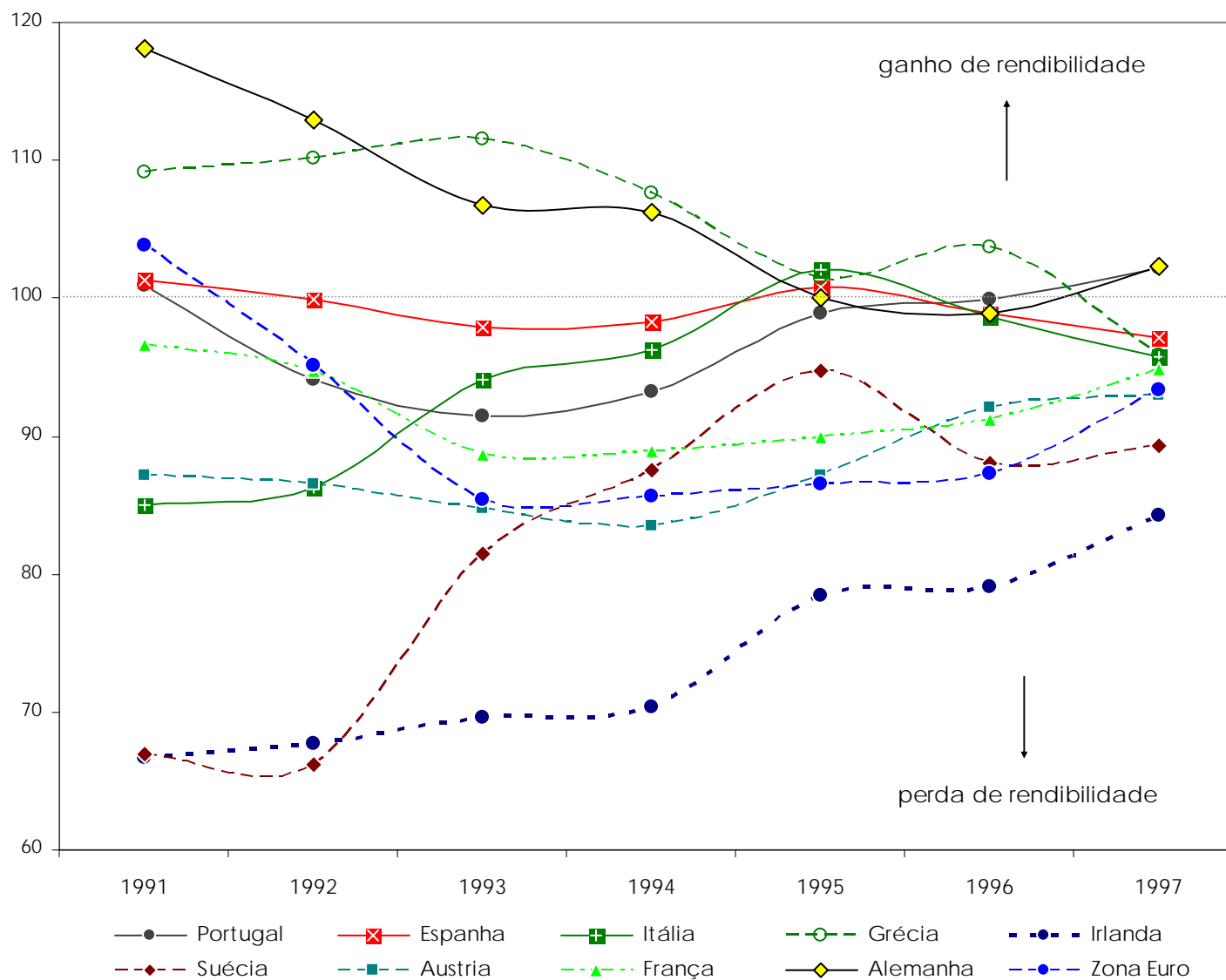
Deflador dos Preços de Exportação (referencial UE-15, 1999=100)



Os **ganhos de competitividade** foram, em parte relevante, obtidos com base em "**desvalorizações competitivas**", nomeadamente em Itália e na Espanha

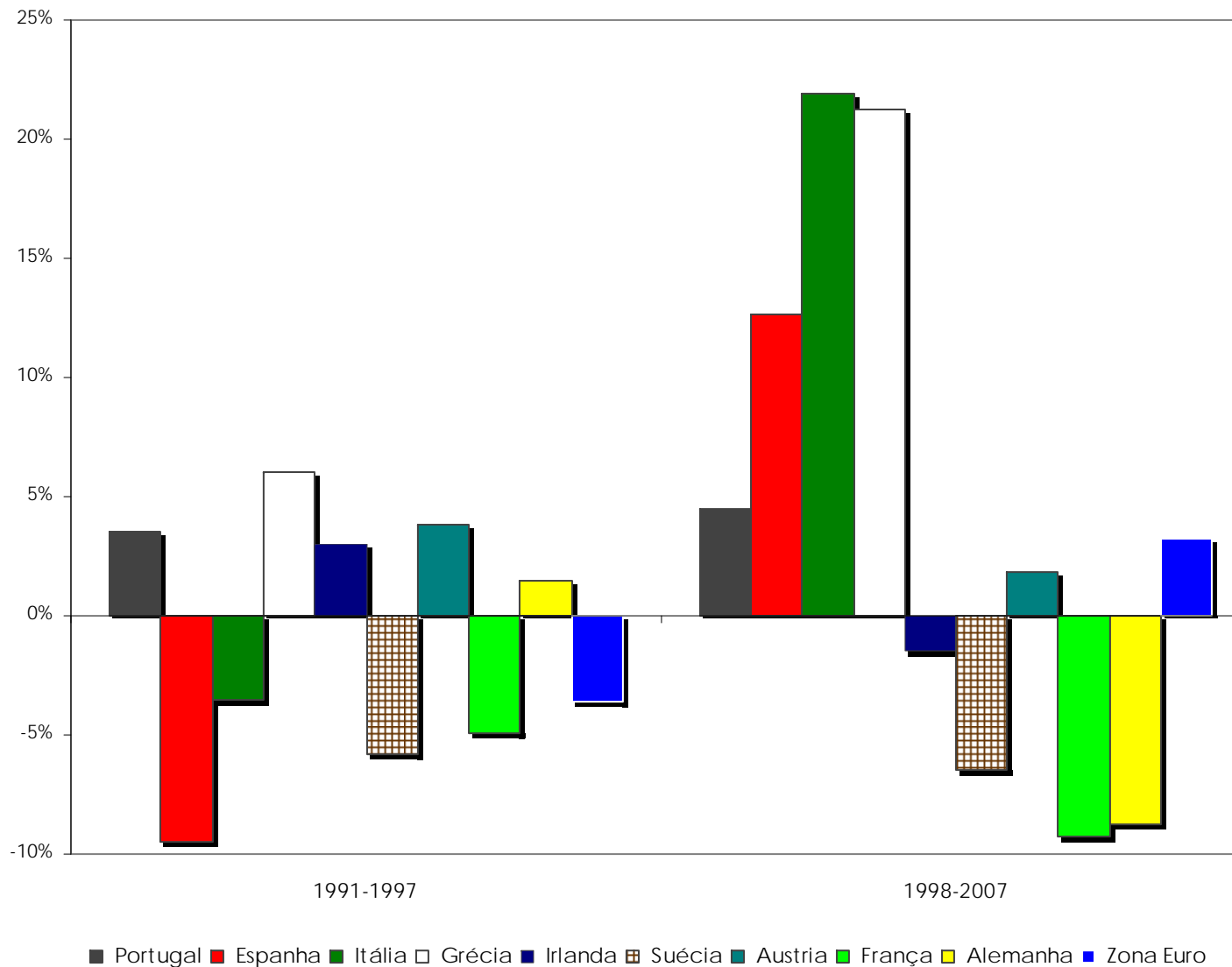
RENDIBILIDADE DO SECTOR EXPORTADOR (1991-1997)

Preços vs. Custos (referencial UE-15, 1999=100)

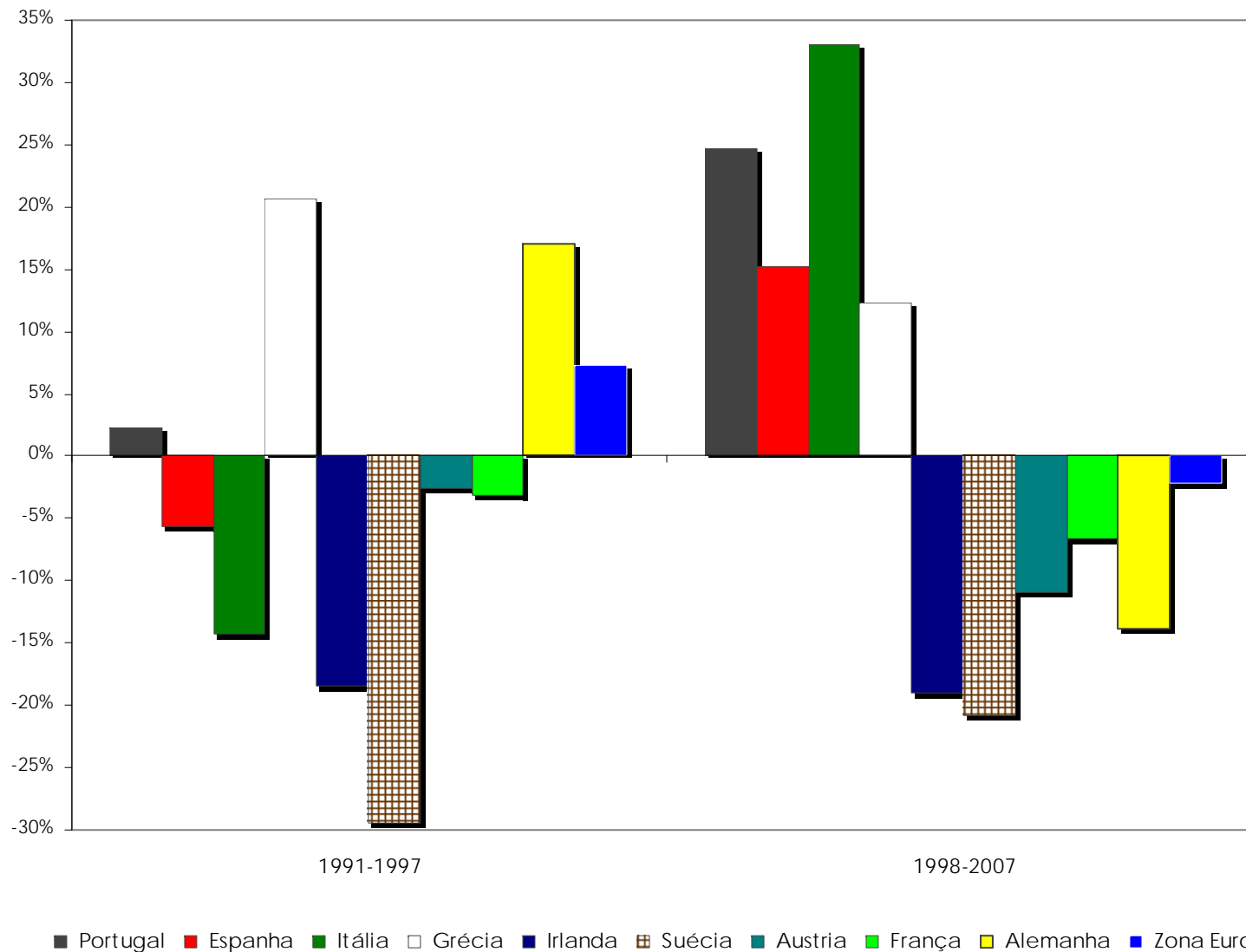


Os **ganhos de rentabilidade** possibilitados pelas desvalorizações competitivas, mais desejadas ou mais sofridas, foram sendo esvaziados na segunda metade dos anos 90

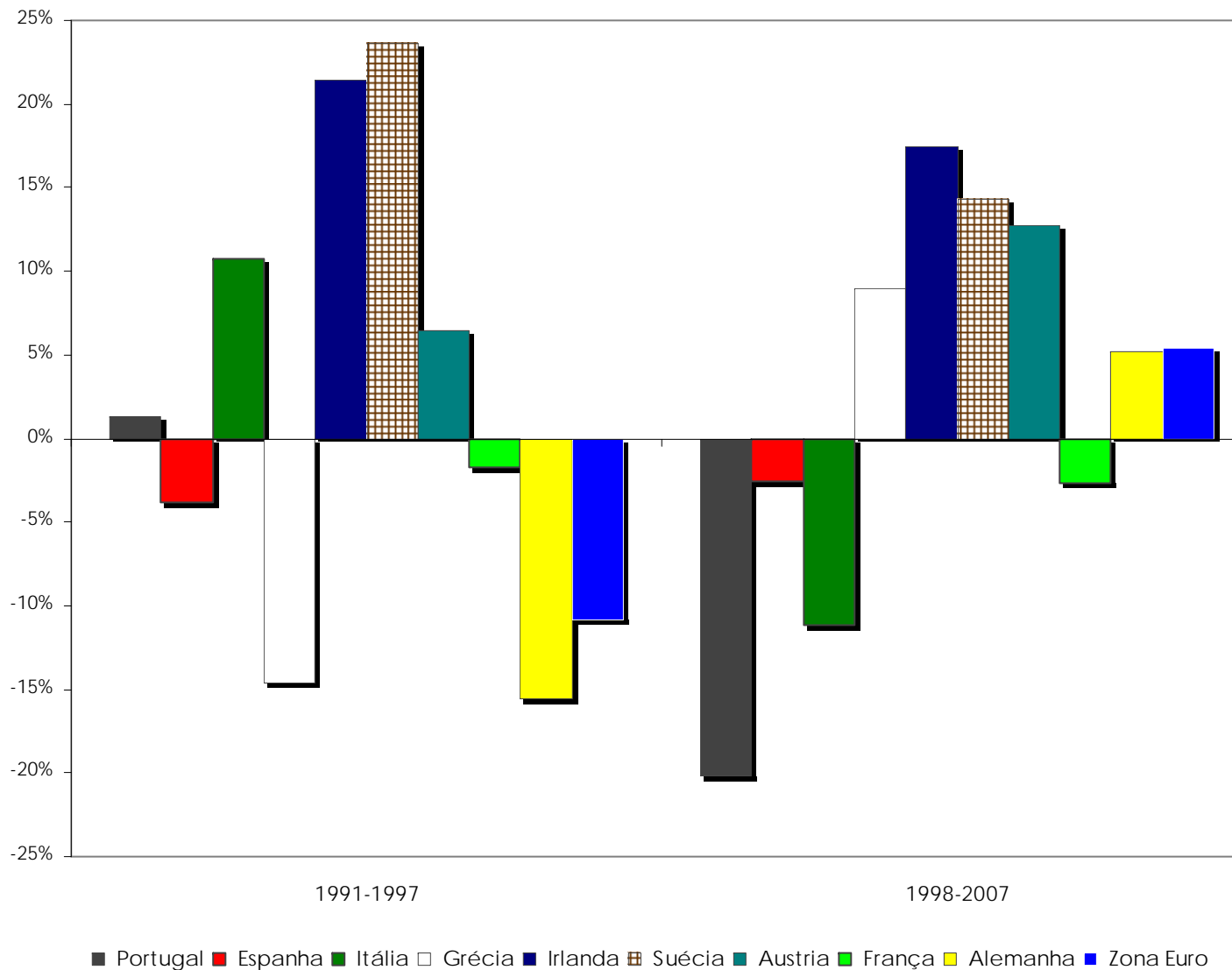
SECTOR EXPORTADOR: COMPETITIVIDADE PELOS CUSTOS 1991-1997 vs. 1998-2007



SECTOR EXPORTADOR: COMPETITIVIDADE PELOS PREÇOS 1991-1997 vs. 1998-2007



SECTOR EXPORTADOR: RENDIBILIDADE 1991-1997 vs. 1998-2007



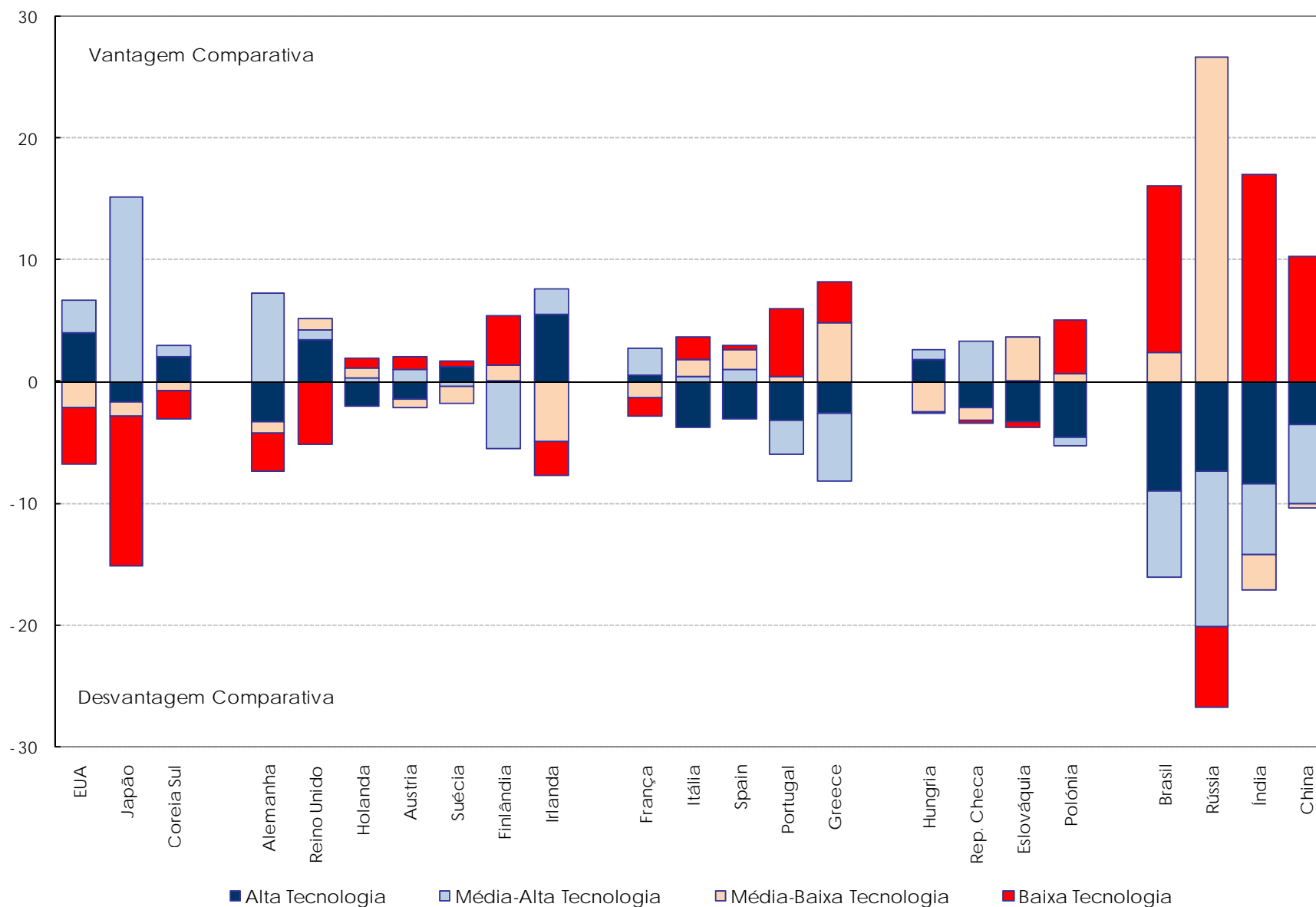
A ENCRUZILHADA DA EUROPA DO SUL

“STUCK IN THE MIDDLE”

Os “modelos exportadores” sofreram profundas alterações, que alargaram decisivamente a respectiva diversidade, **colocando o modelo da “Europa do Sul” em forte dificuldade, “entalado” entre o mundo mais desenvolvido e o(s) mundo(s) emergente(s)**, nomeadamente em função da sua especialização de actividades, do seu nível tecnológico, do elevado conteúdo importado das suas exportações e da natureza do seu próprio crescimento económico

CONTRIBUTO PARA O SALDO COMERCIAL

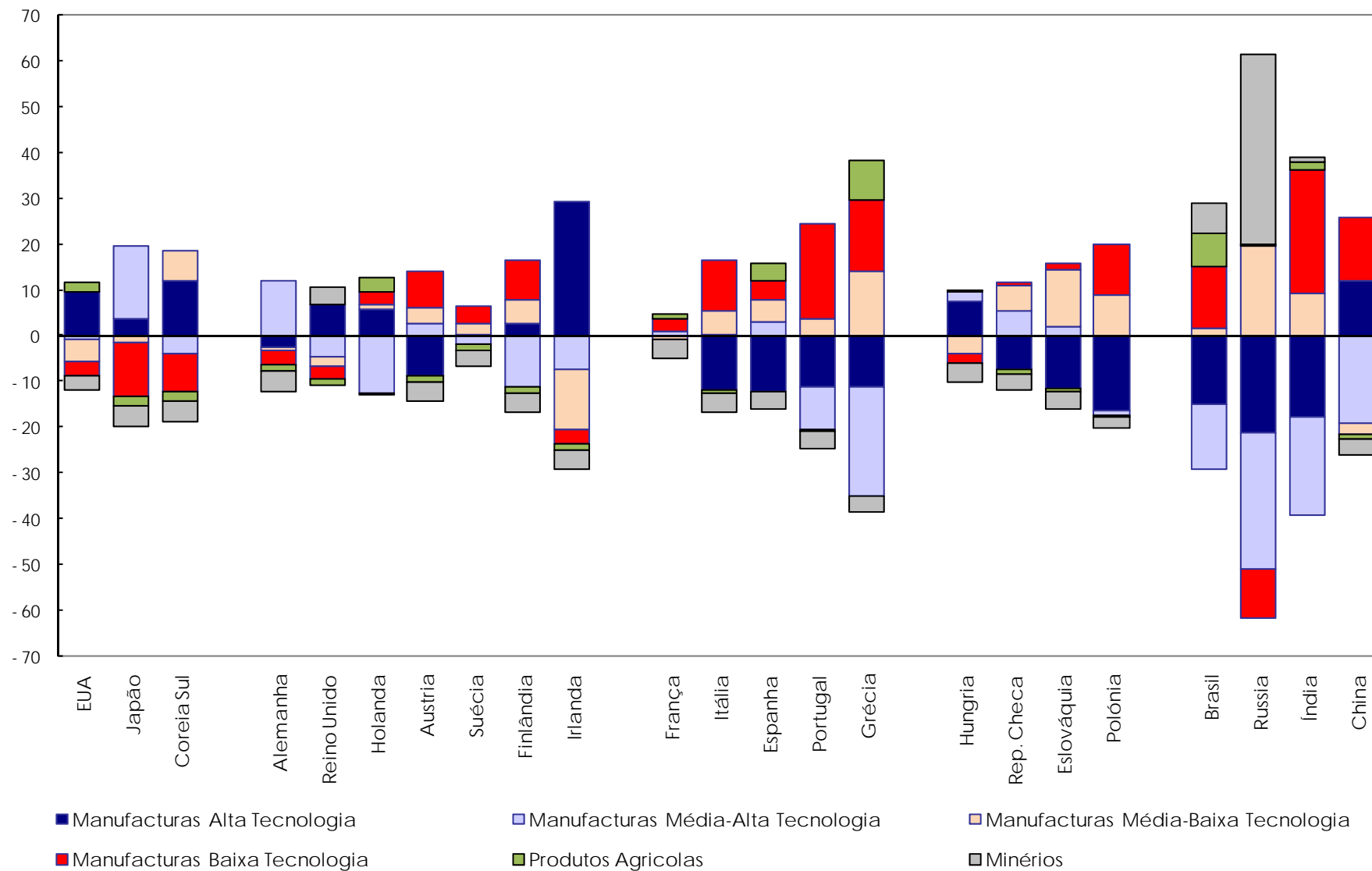
(Manufacturas p/Níveis Tecnológicos, em %)



ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES

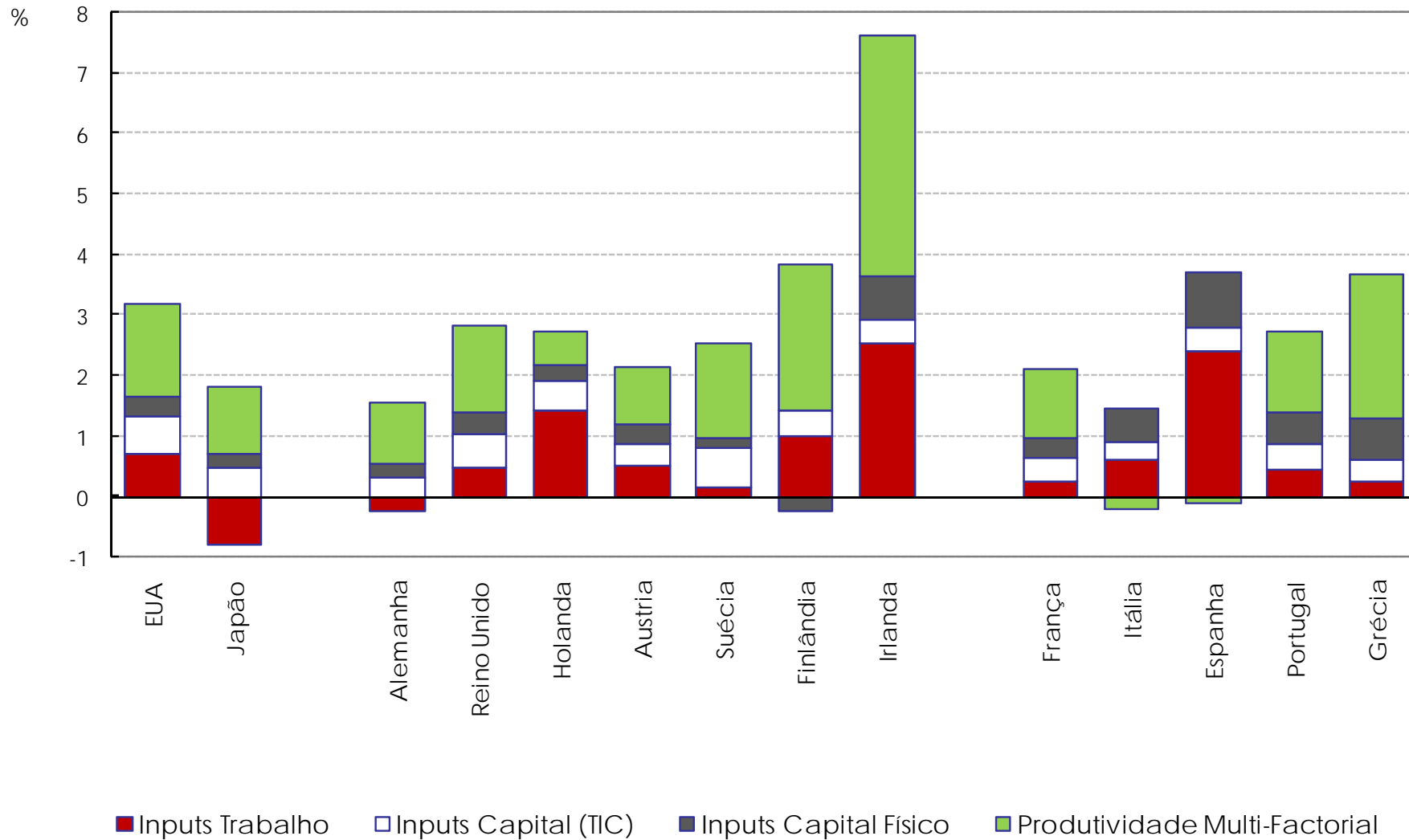
Produtos Primários e Manufaturas p/níveis tecnológicos

(Diferenças face à OCDE, em pontos percentuais, 2005)

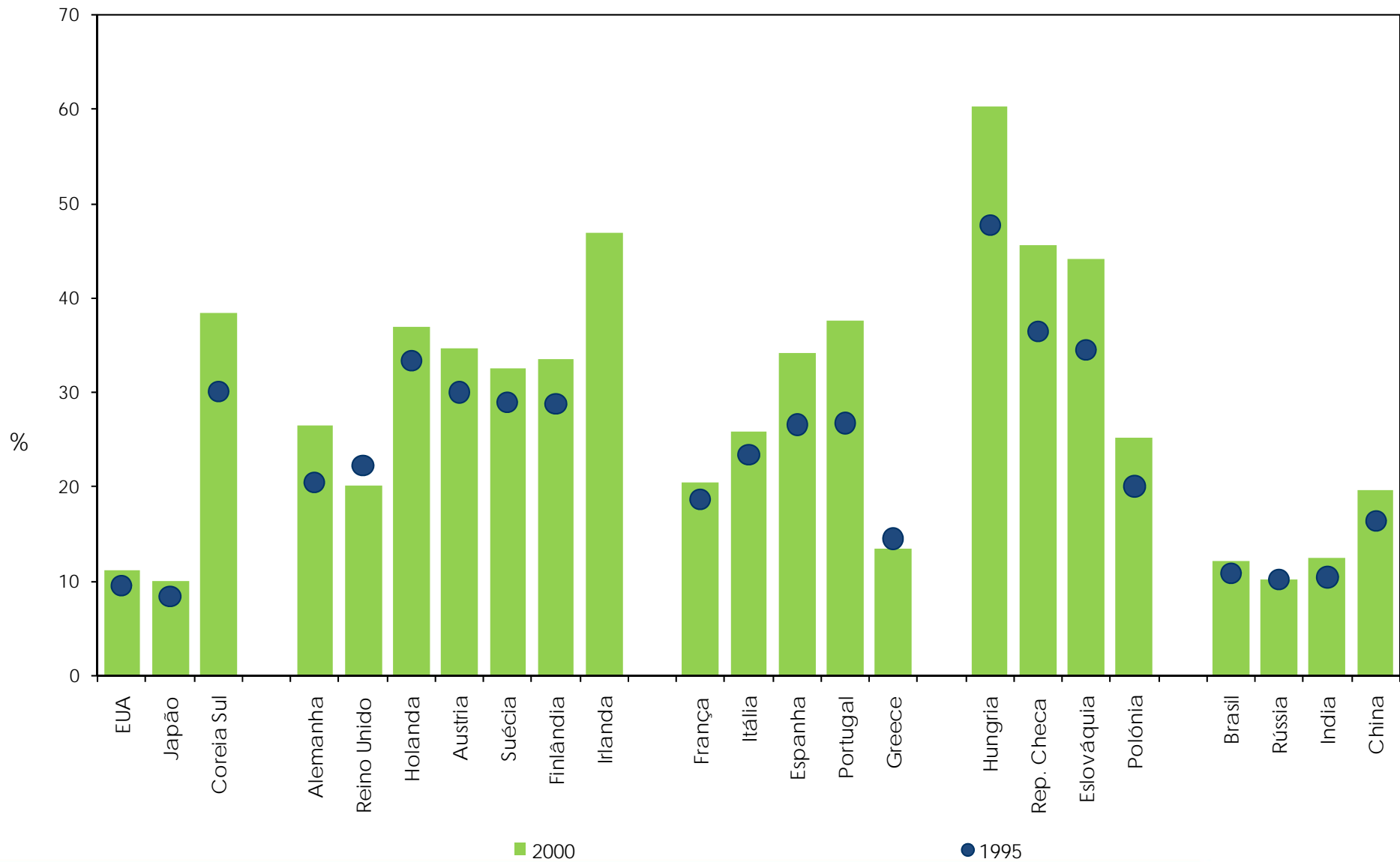


RITMO E CONTEÚDO DO CRESCIMENTO DO PIB (1995-2005)

(contributo para a tmca por factores de crescimento)

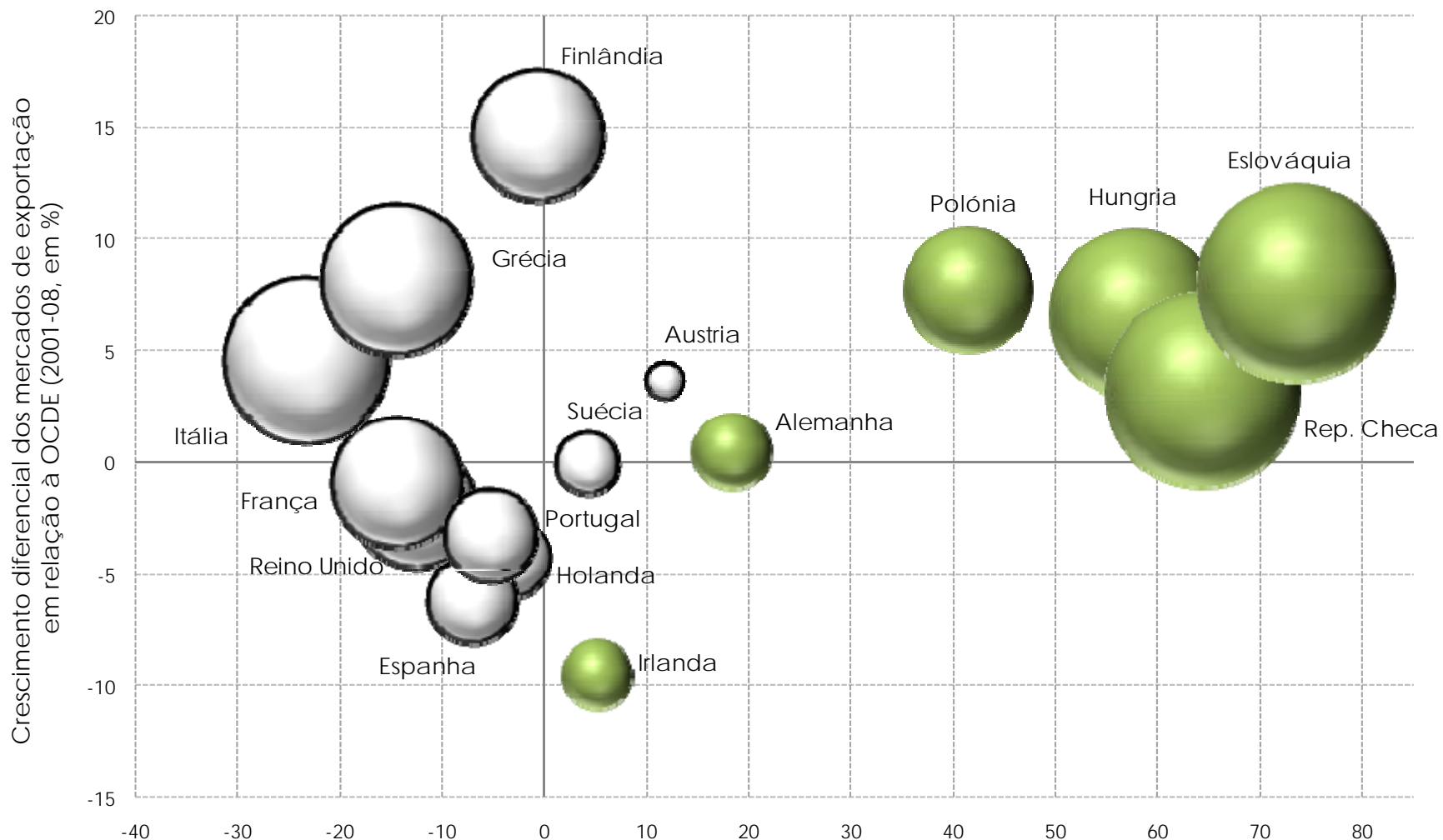


CONTEÚDO IMPORTADO DAS EXPORTAÇÕES



DESEMPENHO EXPORTADOR NA EUROPA

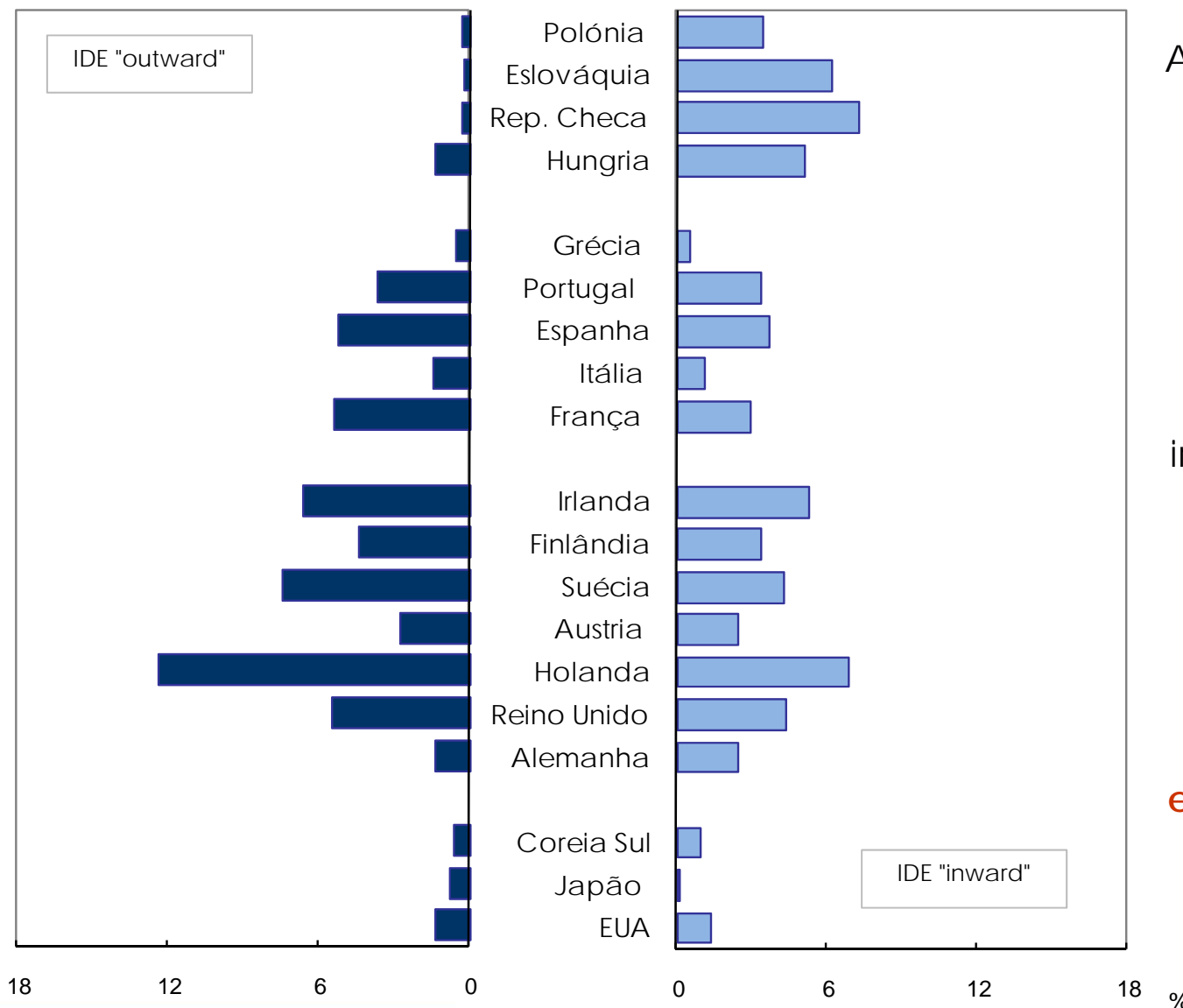
(Relação entre o o crescimento das exportações e dos mercados)



Crescimento diferencial das Exportações (bens e serviços, em volume) em relação à OCDE (2001-08) em%
As "bolhas" representam o DESEMPENHO EXPORTADOR em volume (desempenhos positivos a verde e negativos a branco)

FLUXOS DE INVESTIMENTO DIRECTO ESTRANGEIRO

(em % do PIB, média 2000-2005)

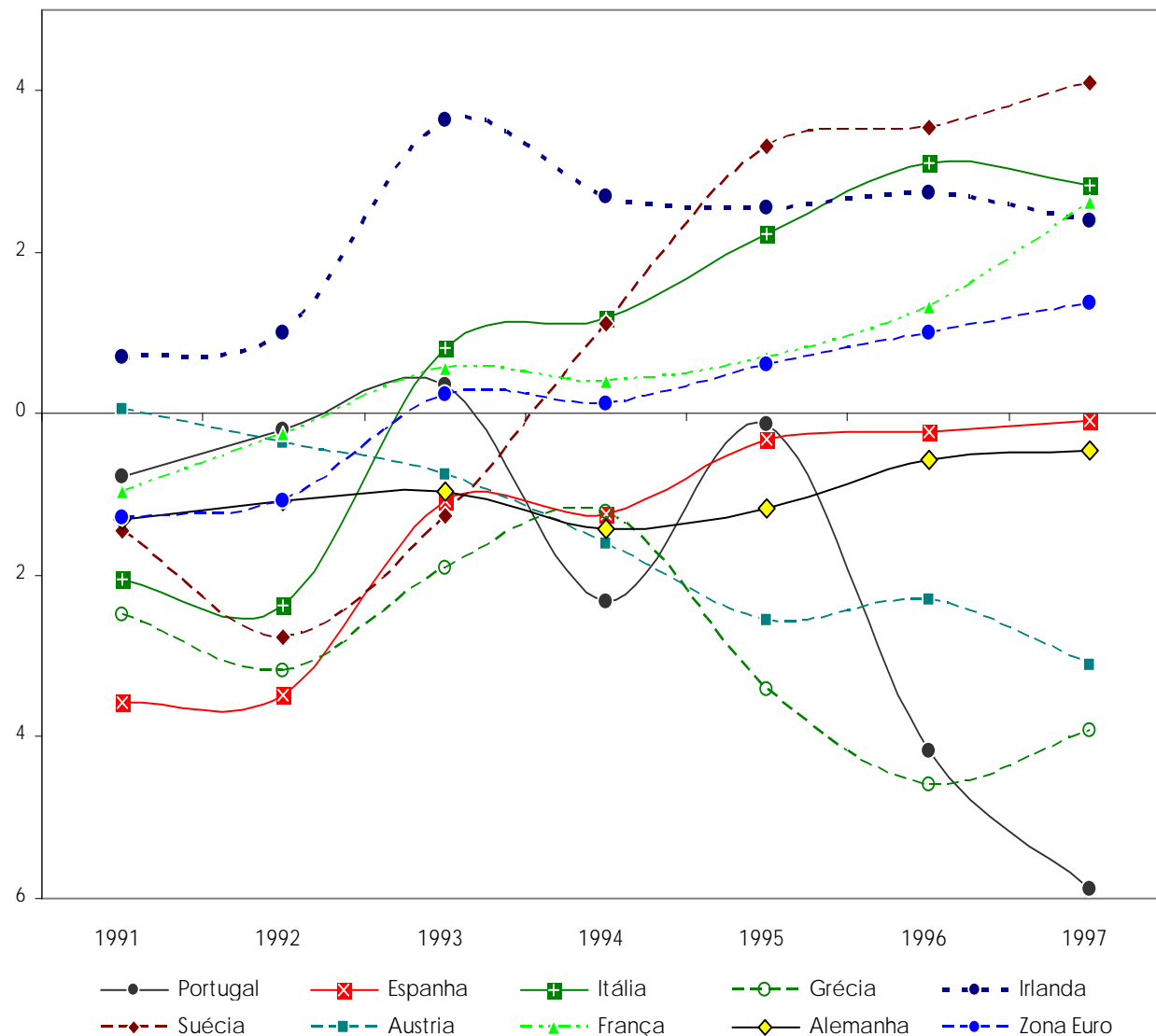


A Europa do Sul perdeu dinamismo na captação de IDE inward, ao mesmo tempo que foi acentuando o desenvolvimento da sua afirmação como investidor internacional (IDE outward).

Portugal e Espanha destacam-se neste particular, surgindo, uma vez mais, numa situação intermédia entre os novos Estados-membros e a Europa mais desenvolvida.

BALANÇA DE TRANSACÇÕES CORRENTES (1991-1997)

(em % do PIB)

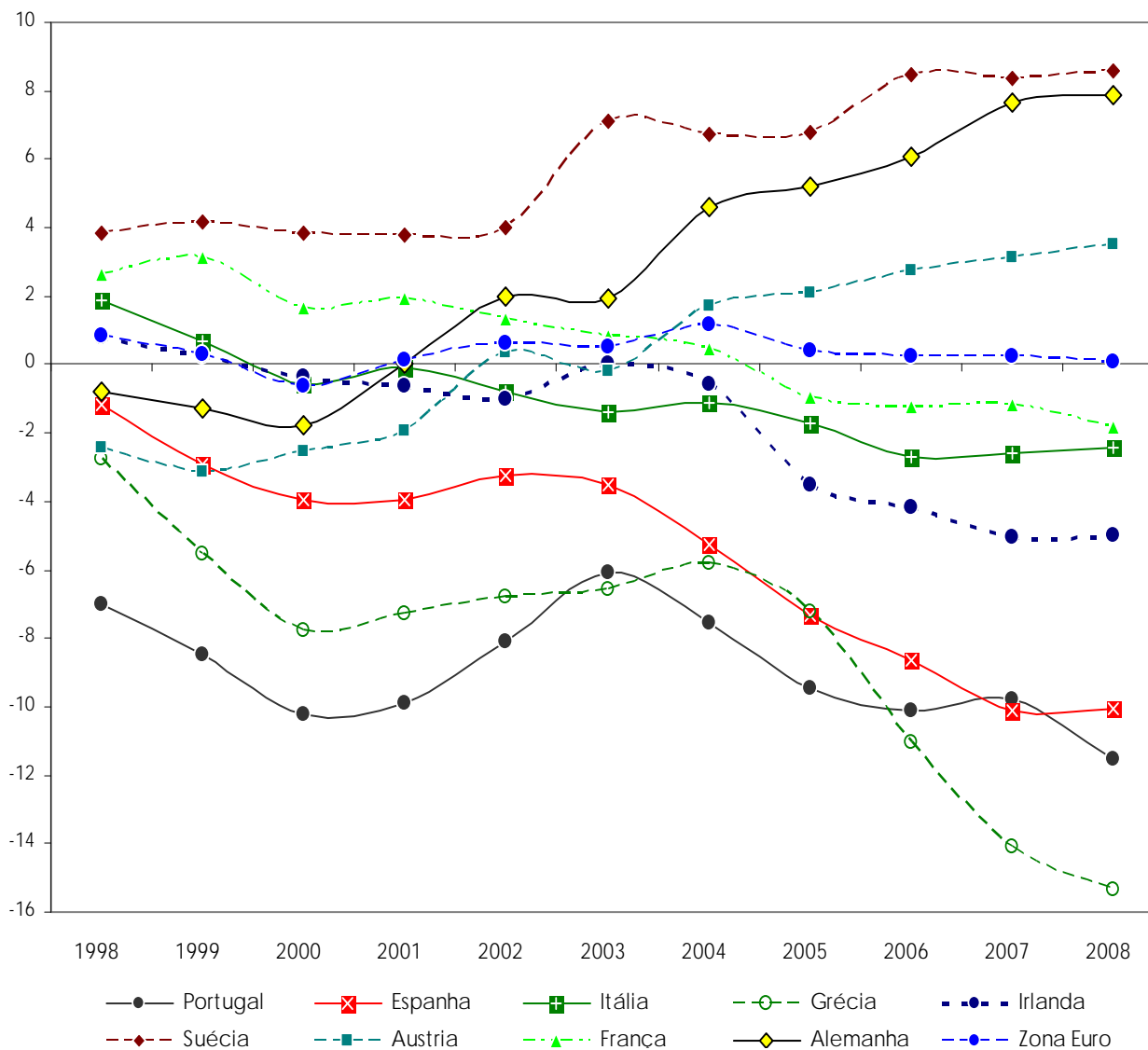


Os défice externos da Europa do Sul apresentaram nos anos 90 uma configuração conjuntural, sofrendo importantes flutuações.

Portugal e Grécia, como "países da coesão" menos desenvolvidos apresentaram os sinais estruturais mais relevantes

BALANÇA DE TRANSACÇÕES CORRENTES (1998-2008)

(em % do PIB)



A aceleração da globalização, a degradação da competitividade e a crise mundial geraram o caminho para o surgimento, na segunda metade da primeira década do século XXI, de défices externos muito importantes e de sinal estrutural, na Europa do Sul. **Portugal, Espanha e Grécia destacam-se neste particular, acompanhados, à distância pela Itália e pela França**